

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO

**The Chronicles of England e a Memória Mítica:**

**Um modelo de conduta em uma edição de fins do século XV.**

**Victor Rodrigues Abbruzzini**

Guarulhos  
2018

VICTOR RODRIGUES ABBRUZZINI

**The Chronicles of England e a Memória Mítica:**

**Um modelo de conduta em uma edição de fins do século XV.**

Dissertação de Mestrado, de acordo com as normas estipuladas pelo Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de História, da Universidade Federal de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Fernandes

Guarulhos  
2018

ABBRUZZINI, Victor Rodrigues.

The Chronicles of England e a Memória Mítica: Um modelo de conduta em uma edição de fins do século XV. / Victor Rodrigues Abbruzzini. – 2018.

1 f.

Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Fabiano Fernandes.

1. Guerra das Rosas 2. Memória 3. Idade Média 4. Inglaterra 5. História do Livro

## **Banca Examinadora**

Dr. Marcelo S. Berriel (UFFRJ)

Dr<sup>a</sup> Flávia Galli Tatsch (UNIFESP)

Dr<sup>a</sup> Denise da Silva Menezes do Nascimento (UFJF) - Suplente

Dr. Fabiano Fernandes (UNIFESP) – Orientador

## Resumo

Essa dissertação busca escudar as profundas mudanças sociedade inglesa no decorrer do século XV. O nascimento dos livros impressos e a Guerra das Rosas (1455 – 1485) modificaram o *modus operandi* dessa sociedade. Uma tecnologia que revolucionou a cultura e um conflito que alterou o *ethos* da população. Nesse contexto foi publicado o livro *The Chronicles of England* (1480), publicado por William Caxton (1422 – 1491) e através do mesmo é criada uma memória coletiva pós conflito e um modelo de conduta para os seus leitores através da memória mítica do reino.

Palavras Chave: Guerra das Rosas, Memória, História do Livro

## Abstract

This dissertation seeks to cover the profound changes in English society during the fifteenth century. The birth of the printed books and the War of the Roses (1455 - 1485) modified the *modus operandi* of that society. A technology that revolutionized culture and a conflict that altered the *ethos* of the population. In this context the book *The Chronicles of England* (1480) published by William Caxton (1422 - 1491) was published and through it a collective memory post-conflict and a model of conduct for its readers is created through the mythical memory of the kingdom.

Keywords: War of the Roses, Memory, History of the Book

## Agradecimento

A realização dessa dissertação de mestrado não teria sido possível sem a ajuda e o apoio de várias pessoas na minha vida que ajudaram a moldar o meu caráter e o meu jeito de ser, principalmente meus pais, Oswaldo e Elisabeth, que sempre apoiaram em minhas decisões e me estimularam durante toda minha vida.

Gostaria de agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica tanto dentro quanto fora da universidade, e que possibilitaram que eu tivesse a erudição suficiente para escrever esse texto da melhor forma possível, e que eu espero que esteja à altura de tudo que me ensinaram.

Agradeço a banca examinadora que durante a qualificação fizeram diversas críticas construtivas que ajudaram a moldar esse trabalho. E as os professos presentes na banca de defesa e espero que tenham apreciado esse trabalho. E agradeço especialmente ao professor doutor Fabiano Fernandes que me orientou nessa pesquisa e me deu todo apoio para que fosse possível escrever esse texto e com quem espero ter o prazer de continuar trabalhando.

Por fim agradeço a minha namorada Bruna Karnauchovas, que esteve ao meu lado durante essa dissertação me amparando nos bons e maus momentos. Sem ela ao meu lado nada disso teria sido possível.

Peço desculpas a todas as pessoas que fazem parte da minha vida e não estão presentes nesse agradecimento, não foi possível falar de todos nesse espaço, mas considerem-se todos agradecidos.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I: Da Oralidade Para O Mundo Escrito</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo II: William Caxton e sua época: algumas considerações</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo III: O <i>Brut</i>, <i>The Chronicles of England</i> e a Memória Mítica</b>	<b>61</b>
<b>Conclusão</b>	<b>91</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Quadro I:</b> Reis da Antiguidade no <i>The Chronicles of England</i> : Da Fundação a Arthur	<b>72</b>
<b>Quadro II:</b> Reis da Crise Dinástica	<b>75</b>



## Introdução

Durante uma parte considerável da Idade Média, mais especificamente até o século XII, a utilização da palavra escrita se concentrava, principalmente, no âmbito religioso da sociedade. Em outras palavras, a escrita era utilizada majoritariamente pelos membros da Igreja. Mesmo em locais em que o emprego da palavra escrita era difundida, como igrejas e monastérios, os ensinamentos ainda eram transmitidos a partir da oralidade, principalmente, devido aos textos serem utilizados apenas como um suporte para as lições com bases orais que eram ensinadas. Isso também se explica pelo fato de como memória das pessoas era formada na época, sendo, esta, mais focada na oralidade, uma vez que a faculdade auditiva era mais desenvolvida que a nossa.

O aumento do uso de textos e da escrita se disseminou, sobretudo, a partir do século XII, tanto para fins administrativos como nas universidades, aumentando inclusive, o grau de literacidade entre os leigos. Um dos grupos que mais se utilizava da escrita era o dos universitários, que, em muitos casos, necessitavam de livros para suas aulas. Com essa maior necessidade de livros surgiram nas cidades europeias comerciantes especializados na cópia e venda de livros, sendo que esses se localizavam, geralmente, perto das instituições universitárias.

Com a inserção de outros grupos no mundo letrado, entre os séculos XII e XIII, a Igreja passou a perder o monopólio da escrita, que era também um aparato de dominação cultural. Durante o século XIV e XV diversos grupos da sociedade já estavam letrados. Na Inglaterra do século XIV a escrita já fazia significativamente parte do cotidiano da sociedade, sendo importante não apenas no aparato de governo, mas até nas simples transações do dia-a-dia.

À medida em que a sociedade se tornava mais letrada, principalmente nas línguas vernáculas, obras que possuíam essa característica de linguagem começaram, também, a se popularizar em certos meios. principalmente as crônicas, as quais

começaram a se difundir em vários estratos da sociedade, entre elas manuscritos como o *Brut*, que posteriormente foi transformado no livro *The Chronicles of England*<sup>1</sup> pelas mãos de William Caxton. A popularidade de manuscritos como o *Brut* demonstra a existência de um mercado com foco em obras escritas, mesmo antes do surgimento das tipografias e a popularização do livro impresso.

De forma generalizada, os comerciantes especializados em textos manuscritos, não foram tirados do mercado pelo surgimento das tipografias, já que os mesmos venderam livros impressos e os livros manuscritos, mormente os de luxo, que continuaram a ser produzidos. Mas inclusive no âmbito eclesiástico a disseminação da imprensa teve um papel relevante, na produção de missais, publicação de estatutos, livros de teologia e direito eclesiástico, dentre outros.

A relação entre a Igreja e a escrita, todavia, se perpetuou após a abertura das tipografias. Nos primeiros anos do comércio de livros impressos diversas obras de caráter religioso foram impressas, juntamente com bulas e anúncios da Igreja para a população, funcionando assim como um dos primeiros patrocinadores desse novo mercado. Quando nos utilizarmos do termo mercado no decorrer do texto temos em mente que a produção era em boa parte guiada pela demanda de consumidores de livros, o que não significa que supomos uma autonomia plena de um mercado editorial alheio a imperativos políticos, o que seria bastante anacrônico no período enfocado.

Mas não foi somente a Igreja que financiou o mercado de impressos, outro grupo extremamente ligado as publicações do período foi a aristocracia. A produção de obras em fins do século XV foi tão grande que se estima uma produção entre seis e quinze milhões de livros. Mas nada disso seria possível sem outras tecnologias que surgiram anteriormente ao nascimento da tipografia e que possibilitaram a construção das prensas.

Entre as tecnologias mais marcantes para se entender o surgimento das tipografias está o papel e os blocos de ferro utilizados nas prensas tipográficas. O primeiro começou a ser produzido na Europa no começo do século XIV, possuindo

---

<sup>1</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. Westminster. 1480.

diversos padrões, apesar que somente os de melhor qualidade eram utilizados na produção de livros. Os papéis de qualidade inferior começaram a ser utilizados no cotidiano pela população, principalmente por serem mais baratos que os pergaminhos utilizados na época. Entre os usos desses papéis se encontra sua utilização para gravar sermões e orações por membros da Igreja. Outros grupos como a aristocracia<sup>2</sup> e as elites urbanas utilizavam o papel para cartas, diários e anotações em geral.

O outro material necessário para o surgimento das tipografias foram os blocos de metal utilizados como parte das prensas tipográficas para gravar as letras no papel, apesar desses blocos já existirem no Oriente desde o século XII, somente começaram a Europa por volta do século XV. O Surgimento das tipografias mudou a cultura medieval, principalmente por facilitar a produção de livros, enquanto um livro manuscrito demorava até meses para uma única edição ficar pronta e podia não ser totalmente fiel ao original, os livros impressos produziam em alta quantidade com menos gastos e tempo.

Retornando nosso foco para as tipografias, é necessário abordar os gastos necessários para estabelecer a mesma em alguma cidade. Para suprir esse gasto inicial, era comum até o século XVI, monastérios e universidades financiaram abertura de tipografias, para se utilizarem desse negócio em prol de produzir as obras que desejavam. Com ajuda desses grupos em 1480 as principais cidades europeias já produziam e publicavam livros. Mas após a abertura das prensas a aristocracia ocupou também um papel de relevo como patrocinadora, consumidora mesmo estando as voltas com os abalos do processo de consolidação do Estado monárquico. A segunda metade do século XV é rica em situações de guerra civil no Ocidente Medieval, tal como a da chamada Guerra das Rosas.

Juntamente com essa mudança do contexto cultural da sociedade, o surgimento da tipografia, foi importante estudar nessa dissertação a guerra civil, hoje conhecida como, Guerra das Rosas. Esse conflito que durou trinta anos foi um marco na história inglesa, por ter sido a maior e a mais violenta guerra civil da história do reino.

---

<sup>2</sup> Quando tratamos o termo aristocracia estamos trabalhando a alta aristocracia, membros pertencentes a câmara dos lordes e dos setores superior da gentry que envolvem: gentlemen, cavaleiros, escudeiros e proprietários rurais mais ricos.

A crise dinástica que atravessou o século XV foi um marco na história do reino da Inglaterra. Após a deposição do último rei Plantageneta, e, sobretudo a partir de meados do século XV, as casas nobiliárquicas, Lancaster e York, funcionaram como catalizadores dos conflitos da sociedade política do reino.

Tradicionalmente o nome Guerra das Rosas remete ao elemento central dos brasões das duas casas dinásticas em disputa, a saber, a dinastia Lancaster, rosa vermelha e York, a rosa branca. Contudo, apesar de usar esse termo consagrado pela historiografia e muitas vezes centrarmos nossa análise na luta entre as duas facções estamos conscientes que a complexidade dos conflitos que atravessaram a Inglaterra quatrocentista não pode ser reduzida a um único confronto. O próprio nome Guerra das Rosas é apócrifo e surgiu pela primeira vez no século XVI com as obras de Shakespeare, mas foi comumente utilizada a partir dos romances de Walter Scott (1771 - 1832). Logo, a utilização de Guerra das Rosas representa algo mais operativo do que a ingênua adesão a um termo que é tão corrente como tantos outros, tal como Guerra dos Cem Anos. O termo não esgota a complexidade do contexto.

Durante a crise política foram criadas e difundidas as tipografias no reino inglês, algo que possibilitou uma maior circulação de textos escritos, esse fenômeno ocorreu no reino da Inglaterra a partir da década de 1470 com William Caxton. Nessa conjuntura foi publicado o livro *The Chronicles of England* (1480) o qual foi baseado no principal conjunto de manuscritos sobre a história do reino, conhecido como a crônica *Brut*. Esse texto consiste em um conjunto de cerca de 240 manuscritos representando o segundo maior conjunto de manuscritos e a maior crônica da Inglaterra medieval. Um livro baseado em parte nesse conjunto de manuscritos foi impresso pelo tipógrafo-refundidor William Caxton, que buscou reunir, selecionar, editar e modernizar o seu conteúdo.

O Conjunto de manuscritos *the Brut*, conta a história do reino possuindo como ponto inicial de sua narrativa a chegada de Brutus na Bretanha, que no momento ainda era conhecida como Albion, e encerrando-a no ano de 1461 com a posse de Eduardo IV (1422 – 1483). Existem três modelos básicos de manuscritos presentes nesse conjunto: *The Anglo-Norman Brut*, *The Latin Brut* e *The English Brut*, que além das versões consideradas “oficiais” possuem adições e adaptações feitas por anônimos.

O livro *The Chronicles of England*, baseado no conjunto de manuscritos *Brut*, está no cerne dessa pesquisa. A publicação do texto *The Chronicles of England* cumpriu o papel de permitir uma maior disseminação de certa construção do passado glorioso do reino, iniciado hipoteticamente com Brutus, pois este é um dos personagens considerados importantes por apresentar raízes na civilização troiana, e esta era considerada como o berço da Inglaterra; além de ser o personagem mais utilizado nessas histórias. Temos como hipótese central que em um momento de crises políticas e angústias o texto da crônica enfocada sugere a possibilidade de conciliação por meio da vinculação dos grupos em disputa a uma memória considerada antiga, na qual a honra, a fidelidade e generosidade, centradas em certa imagem dos reis antigos, eram considerados valores válidos para a reconciliação da sociedade política

Logo, qual fosse a dinastia reinante existia um modelo que seria desejável para o comportamento de um bom rei, modelo esse que deveria ser calcado nos valores que supostamente guiaram as origens do reino, tal como proposto na edição de Caxton do referido texto. Ao incorporar hipoteticamente esses valores os reis alcançariam maior legitimidade nos meios aristocráticos, que também estavam profundamente desgastados pela competição dinástica e pela guerra civil. Nesse sentido o texto *the Brut* versão Caxton representava tanto a reapropriação de uma narrativa tradicional conhecida ao menos em certos meios, quanto um constructo cultural que visava atuar na sociedade de sua época.

Essa dissertação foi dividida em três capítulos, mais a conclusão, sendo dividido nos capítulos. “Da Oralidade Para O Mundo Escrito”, “William Caxton e sua época: algumas considerações”, “O *Brut*, *The Chronicles of England* e a Memória Mítica”.

No capítulo I: intitulado Da Oralidade Para O Mundo Escrito temos como objetivo trabalhar o contexto da escrita e do mercado literário no século XV. Para isso será dividido em dois subcapítulos para melhor esclarecer o tema, nomeados por “A Transição na Transmissão Do conhecimento na Idade Média” e “Surgimento das Tipografias”.

O primeiro item possuía como foco a transição entre a sociedade cujo o conhecimento era reproduzido preponderantemente na forma oral para uma sociedade

em que a palavra escrita estava mais presente na vida da população, que utilizava esses livros para estudo, através do trabalho dos escribas que se encontravam próximos as universidades, no meio religioso onde os eclesiásticos faziam uso da escrita para guardar seus sermões e orações. Outros membros da população começaram a utilizar da escrita para cartas, diários e para guardar suas memórias. Sem a modificação no método de transmissão e de guardar conhecimentos seria improvável o aparecimento das tipografias e conseqüentemente do livro impresso.

A segunda parte desse capítulo tem como objetivo estudar o surgimento das prensas tipográficas e o mercado no qual se inseriram. Partindo das tecnologias necessárias para a construção das tipografias: papel e blocos de metal para as prensas, explicando como esses aportes surgiram e foram inseridos na sociedade medieval. No seguimento será estudado um pouco do mercado de livros no período e o patrocínio que existiu na construção das tipografias e na publicação de obras.

Em resumo esse capítulo busca entender o contexto cultural do século XV assim como as mudanças na sociedade medieval que possibilitaram que o livro impresso se tornasse um objeto relativamente popular do qual fazemos usos até o dia de hoje.

No capítulo II, intitulado “*William Caxton e sua época: algumas considerações.*” Priorizaremos uma breve análise da vida de William Caxton e o contexto político no qual o autor e editor de livros estava inserido. O texto está dividido em dois itens intitulados: “A trajetória de Willian Caxton” e “Breves considerações sobre a Guerra das Rosas”.

O primeiro item desse capítulo ira tratar a vida do impressor de textos e autor de obras como o *The Chronicles of England*, William Caxton. Começando por seu nascimento em Kent, apesar de não se ter certeza sobre esse dado. Seguindo para seu trabalho como comerciante pela empresa Worshipful Company of Mercer a partir de 1438, sob a tutela de Robert Large. E também estudando o tempo na Bélgica (1445) com a Merchant Adventures, onde se acredita que o mesmo começou a comercializar livros, tanto com versões manuscritas como as primeiras versões impressas.

Também será estudado seu trabalho como tipógrafo na em Westminster na Inglaterra, juntamente com sua relação com a dinastia York, que patrocinaram diversas

obras do mesmo no decorrer de sua trajetória entre elas *Sayings of the Philosophers* (1477) e o livro *Moral Proverbs* de Christine de Pisan (1478), para Anthony Woodville, Conde de River e cunhado de Eduardo IV. Eduardo IV foi um dos principais protagonistas da Guerra das Rosas tema do segundo item desse capítulo.

O segundo item tem como objetivo estudar a Guerra das Rosas (1455 – 1485). Essa parte se inicia com uma breve discussão historiográfica utilizando autores como Michael Hicks, John Wagner, Christine Carpenter, David Grummitt e Alisson Rosemary Allan, estudando o nome desse conjunto de batalhas que hoje é conhecido como Guerra das Rosas e os supostos motivos que levaram a Inglaterra a uma guerra civil com proporções não vistas anteriormente. Após essa discussão o texto busca apresentar de forma breve e clara os acontecimentos da Guerra das Rosas, seguindo de forma cronológica os acontecimentos dessa guerra civil e trabalhando as questões de propaganda nos impressos do período.

No capítulo III, intitulado “*O Brut, The Chronicles of England e a Memória Mítica*” buscaremos abordar alguns aspectos do conjunto de manuscritos *Brut* e do livro *The Chronicles of England* e os possíveis usos desse livro, tal como como uma espécie de modelo de conduta para os seus prováveis leitores. Com tal intento esse capítulo foi dividido em três partes: “O Conjunto *Brut* e o *The Chronicles of England*”, “Por Dentro do *The Chronicles of England*” e por último “*The Chronicles of England e a Memória Mítica*”.

A primeira parte desse capítulo busca apresentar o conjunto de manuscritos *Brut*, falando de seu conteúdo, de quantidade de manuscritos presentes nesse conjunto, suas edições, dos anos que são essas edições e quais os nomes das mesmas, seguindo até o momento em que o mesmo é impresso e recebe o título *The Chronicles of England*.

O segundo item intitulado Por Dentro do *The Chronicles of England*, apresenta logo de início o formato em que o livro está aportado, mostrando o padrão de narrativa que segue desde a fundação mítica do reino até a posse de Eduardo IV em 1461. Juntamente a isso é feito uma análise da terminologia utilizada para tratar os monarcas

ingleses e o desejo implícito na narrativa que aristocratas e o monarca da época possuíssem características dos gloriosos nobres e reis do passado.

A última parte desse capítulo se intitula *The Chronicles of England* e a Memória Mítica. Essa parte da dissertação busca estudar a relação entre memória coletiva e o passado mítico do reino. Utilizamos como suporte de autores como Michael Pollack, Joel Caudau para mostrar como a versão da história inglesa proposta no *The Chronicles of England* propunha uma memória coletiva para os presumíveis leitores e ao mesmo tempo propunha um modelo de conduta baseado nas atitudes dos reis do passado longínquo ou mítico.



## **1. Da Oralidade Para O Mundo Escrito**

As sociedades inglesas e europeias do século XV passaram por um processo que, até os dias de hoje, sentimos suas repercussões. Foi durante esse período que nasceu o livro impresso, ferramenta sem a qual é impossível imaginarmos a nossa sociedade atual como ela é. Para o nascimento do livro impresso a Europa necessitou passar por um processo de transição de uma sociedade extremamente oralizada para escrita, e o desenvolvimento do papel e o nascimento das prensas tipográficas foi de extrema importância para essa transformação. Essas questões são fundamentais para entender o funcionamento da sociedade do século XV, um período tão conturbado da história Inglesa.

Esse capítulo ainda irá tratar da inserção das tipografias no mercado utilizando o patrocínio provenientes da Igreja, das Universidades e de membros na aristocracia.

### **1.1 A Transição na Transmissão do conhecimento na Idade Média**

A escrita, em boa parte Idade Média, teve um papel importante que comumente germinava com o sagrado, sendo usada quase que exclusivamente por membros do governo e do clero. Entretanto, no decorrer dos séculos XII a XV, o seu uso infiltrou-se em muitos aspectos da vida, disseminando-se em diferentes âmbitos, desde a escrita jurídico-administrativa até na construção de memórias sobre reinos e reinados. Logo, havia uma íntima associação do uso da escrita e/ou do ato de escrever com a verdade, ou seja, a representação do que se considerava, na época, o que era verdadeiro, por meio de um ato simbólico/gráfico que complementava e/ou, em alguns casos, substituíva, uma memória social amplamente calcada na oralidade.

A oralidade já permeava, de uma maneira geral, os textos escritos. Estes eram, inclusive, normalmente lidos em voz alta, mesmo quando o leitor estava sozinho, pois

a vocalização ajudava o leitor a absorver todo o significado do texto.<sup>3</sup> A oralidade era intimamente ligada à memória do leitor, pois a faculdade auditiva das pessoas da época, em certo sentido, era mais desenvolvida que a nossa, e, frequentemente, era auxiliada pelo ritmo de formas que facilitavam a retenção do que era lido ou escutado.<sup>4</sup> Durante o século XII ainda era comum que alguns monges fossem ensinados por meio da escrita vocalizada<sup>5</sup>. Para membros de classes mais baixas a transmissão de conhecimento ainda era feita exclusivamente de forma oral, camponeses aprendiam habilidades técnicas, não de livros, mas da tradição oral passada de pai para filho, mãe para filha, da vila para o jovem.<sup>6</sup>

As narrativas, mesmo quando escritas, possuíam alto grau de oralidade. Os romances medievais ingleses representam uma rica fonte de materiais para qualquer um interessado nas interações entre narrativa oral e escrita.<sup>7</sup> Contudo, mesmo com o crescimento do papel da escrita, a sociedade medieval continuou altamente oralizada. Coleman mostra que “a sociedade europeia não foi tanto de oral para escrita como de um estado anterior, predominantemente oral, para várias combinações de oral e escrita”.<sup>8</sup> Coleman sugere, portanto, que a sociedade medieval, mesmo com a difusão do texto escrito, continuava fortemente oralizada.

Até o século XIII a escrita, frequentemente, tinha o papel de suporte para uma cultura predominantemente oral, e funcionava como suporte de formas mentais/imagens. Assim, os escritos associados eram frequentemente tratados como

---

<sup>3</sup> ONG, Walter J. *Orality and Literacy*. Routledge. 2005. p. 1 (Tradução Livre).

<sup>4</sup> MARTIN, Henri Jean. *The History and Power of Writing*. University of Chicago Press, Chicago, 1994, p. 73. (Tradução Livre).

<sup>5</sup> KAPLAN, Steven L. *Understanding Popular Culture: Europe from Middle Ages to Nineteenth Century*. De Gruyter Mouton. p. 29. (Tradução Livre).

<sup>6</sup> RIDDLE, John M. *A History of Middle Ages, 300 -1500*. Rowman & Littlefield Publishers Inc. Maryland, 2008. p. 182. (Tradução Livre).

<sup>7</sup> BRADBURY, Nancy M. *Writing Aloud: Storytelling in Late Medieval England*. University of Illinois, 1998. p. 3. (Tradução Livre).

<sup>8</sup> COLEMAN, Joyce. *Public Reading and the Reading Public in Late Medieval England and France*. Cambridge University Press, 2005. p. 20. (Tradução Livre).

elementos mnemônicos. Como afirmado por Carruthers ao falar de Richard de Forivaal, “Deus deu a habilidade de memória a alma humana. Memória tem dois portões de acesso, visão e audição e uma estrada particular para cada uma desses portais, essas estradas são chamadas *painture* e *parole*”<sup>9</sup>. Logo, mesmo uma pessoa, em princípio, não letrada, poderia ler a partir de imagens que acompanhavam os textos. Assim, a apresentação visual de um texto era considerada, tal como na iconografia e nos esquemas figurativos, parte do significado, não se limitando apenas às ilustrações dos seus temas ou assuntos indicados. Muitos textos eram, por sua vez, memorizados, fosse no ambiente monástico, ou mesmo nos estudos gerais e universidades.

A escrita alcançou um papel considerável na vida urbana, que se intensificou dos séculos XI a XIII. O aprofundamento da divisão social do trabalho e a dinamização da economia de trocas possibilitaram indiretamente a existência de inúmeros ofícios interligados ao uso da escrita, tal como na banca do comércio, nas manufaturas urbanas, que copiavam livros para os estudantes, e na confecção dos luxuosos livros de horas com suas iluminuras. Logo, a propagação do uso da escrita esteve relacionada com a reforma da Igreja, com a ascensão dos Estados monárquicos e principescos, e com a diversificação econômica e cultural do ambiente urbano. Nesse sentido:

A cidade medieval é, antes de mais nada, uma sociedade de abundância, concentrada num pequeno espaço em meio a vastas regiões pouco povoadas. Em seguida, é um lugar de produção e de trocas, onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma economia monetária.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> CARRUTHERS, Mary. *The Book of Memory: A Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge University Press. 2008. p. 277. (Tradução Livre).

<sup>10</sup> LE GOOF, Jaques, SCHMITT Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Edusc. 2006. p. 233.

O crescimento do comércio de textos a partir do século XIV facilitou a disseminação de livros e o aumento do número de leitores, sendo que, nesse período, já existia o comércio de livros da Inglaterra.<sup>11</sup> A demanda por material de leitura cultivada, criada por essa crescente proliferação de letrados, levou, no decurso do século XIV, à ascensão de um comércio de livros e à produção de literatura em língua vernácula. Mais livros e literatura levaram, por sua vez, a mais leitores, de modo que, no que diz respeito à leitura, "até 1400, a principal diferença entre a corte e a crescente burguesia era de gosto, não de alfabetização"<sup>12</sup>, ou melhor, literacidade.<sup>13</sup> As mudanças mais perceptíveis são em relação à complexidade das relações de trocas. A disseminação e aprofundamento de uma economia de trocas gerou um circuito relativamente rico no qual também se desenvolveu um espaço social mais favorável para o intercâmbio de ideias que, conseqüentemente, possibilitou um ambiente mais fértil para a popularização da escrita e da leitura. Durante esse desenvolvimento não apenas quem lia se modificou, mas, também, como se lia, como sugere Roger Chartier:

Três períodos seriam decisivos aqui: o dos séculos IX-XI, que viram os *scriptoria* monásticos abandonarem os antigos hábitos da leitura e da cópia oralizada; o do século XIII, com a difusão da leitura em silêncio no mundo universitário; e enfim, o da metade do século XIV, quando a nova maneira de ler alcança, tardiamente, as aristocracias laicas. Progressivamente, instaurou-se assim uma nova relação com o livro, mais fácil e ágil.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 1. (Tradução Livre).

<sup>12</sup> BRIGGS, Charles F. *Historiographical essay: Literacy, reading, and writing in the medieval West*. Journal of Medieval History, Vol. 26, No. 4. 2000, pp. 397–420. p. 401. (Tradução Livre).

<sup>13</sup> Literacidade: no sentido de que o leitor é capaz de extrair do texto os significados explícitos e implícitos por meio do processamento linguístico e conceitual.

<sup>14</sup> CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. 4ed. Estação Liberdade. São Paulo. 2009. p. 82.

Essa modificação na forma de ler influenciou, também, na popularização do uso da escrita, bastante abrangente especialmente nos setores da sociedade localizados nas cidades. Esse processo se acelerou nas décadas finais do século XV, ocasionado principalmente pela baixa no custo dos livros impressos. Como mostra Jarry Brotton, “A disponibilidade e preços relativamente baixos dos livros impressos também significavam que mais pessoas possuíam acesso aos livros”<sup>15</sup>. Apesar do preço do livro ser mais baixo que a cópia manuscrita, o mesmo dependia do preço do papel, já que necessitava do mesmo em uma quantidade sem precedentes.<sup>16</sup>

Com a ascensão econômica e política da nova aristocracia urbana, que se fortalece nos séculos XII e XIII, a escrita deixou de ser, predominantemente, um componente do aparato administrativo e de dominação cultural eclesiástico para ser disseminada em outros âmbitos da sociedade. Durante os séculos XIV e XV a Inglaterra já passa para uma sociedade com largo foco na escrita, deixando, em certo sentido, de ser uma sociedade quase que preponderantemente oral, se infiltrando, inclusive, na camada superior do campesinato:

No início do século XIV, a Inglaterra havia feito a transição de uma sociedade cujos hábitos de pensamento e noções de autoridade eram em grande parte orais e memoriais para um baseado mais na palavra escrita, em que os lineamentos de poder no governo eram completamente

---

<sup>15</sup> BROTTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2006. p. 49. (Tradução Livre).

<sup>16</sup> MCKITTERICK, David. *The Beginning of Printing*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 291. (Tradução Livre).

alfabetizados e onde se esperava até mesmo que os camponeses tivessem selos para autenticar documentos.<sup>17</sup>

Este crescimento da cultura escrita ocorreu, inclusive, em setores considerados “medianos” da sociedade do reino da Inglaterra do século XV, como é proposto por Paul Strohm:

Escrever, já não era simplesmente um dispositivo de dominação administrativa e cultural exercido por uma pequena elite institucional, era agora posse comum de todos os grupos urbanos e comerciais incluídos no que poderíamos chamar de os "estratos médios" do reino, com penetrações importantes no interior e em variados agrupamentos rurais profissionais também.<sup>18</sup>

Essa modificação nos leitores e nos escritores da Idade Média também acarretou em mudanças na constituição dos textos e na aceitação ou não destes textos por parte dos estratos que possuíam a capacidade de ler a língua vernácula da sociedade. “À medida que mais pessoas falavam e escreviam nas línguas vernáculas europeias - alemão, francês, italiano, espanhol e inglês - as tipografias publicavam cada vez mais nessas línguas, em vez de latim e grego, que atraíam um público menor.”<sup>19</sup> A utilização de crônicas, impressas nas línguas vernáculas, teve uma importância crescente,

---

<sup>17</sup> BRIGGS, Charles F. *Historiographical essay: Literacy, reading, and writing in the medieval West*. Journal of Medieval History, Vol. 26, No. 4. 2000, pp. 397–420. p. 404. (Tradução Livre).

<sup>18</sup> HORROX, Rosemary and ORMROD Mark W. *A Social History of England, 1200–1500* Cambridge University Press. 2006. p. 455. (Tradução Livre).

<sup>19</sup> BROTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006. p. 49. (Tradução Livre).

tornando-se uma das principais práticas de escrita no final da Idade Média. A modificação no modo de ler e nos tipos de textos que eram produzidos gerou uma evolução e popularização da escrita vernácula. A disseminação deste gênero literário possibilitou que crônicas como o *Brut* e o *The Chronicles of England* tivessem ainda maior importância na sociedade.

As crônicas, *The Brut*, tinham como principal objetivo contar a história do reino, mas não apenas isso. Como o proposto por Raluca L. Radulescu, esse conjunto de textos ofereciam “Uma mistura de épica, mito, romance, detalhes históricos, profecias e posteriormente propaganda política, a escrita histórica na Baixa Idade Média engaja temas de grande importância no processo de formação da identidade nacional”<sup>20</sup>. As crônicas do período possuíam diversos objetivos, não apenas como uma forma de lazer, mas abordavam temas que atualmente classificaríamos por propaganda e identidade coletiva.<sup>21</sup>

Por mais que o surgimento das tipografias, e, conseqüentemente, dos livros impressos tivessem facilitado a acessibilidade a livros, os mesmos já existiam de forma manuscrita. John Feathers afirma que os membros da sociedade inglesa, principalmente nos altos estratos, já possuíam e comerciavam livros. “A baixa Idade Média inglesa certamente não era uma sociedade sem livros. A posse de livros não era rara entre as classes ricas, tanto religiosos como direito, e as evidências disso são abundantes em inventários, testamentos, catálogos e referências incidentais”<sup>22</sup>. A existência de um mercado de livros manuscritos indica que uma sociedade altamente oralizada já possuía as bases para uma transição para um contexto de maior importância da escrita.

---

<sup>20</sup> BROWN, Peter. *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350–c.1500*. Blackwell Publishing Ltd. 2007. p. 358. (Tradução Livre).

<sup>21</sup> A virada do século XV para o século XVI foi marcado pelo surgimento de sentimentos “nacionalistas”, que segundo alguns autores vinham lentamente se desenvolvendo desde o século XII. In: GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981. p. 103.

<sup>22</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 2. (Tradução Livre).

Além desses grupos, outro local social que possuía uma razoável abrangência na utilização de livros era a universidade. “Apesar da importância da instrução oral, os estudantes também necessitavam de alguns livros essenciais”<sup>23</sup>. No caso das universidades, alguns grupos especializados faziam cópias de manuscritos e vendiam para os alunos. “Em cada cidade universitária uma guilda de *Scriveners* ou *Stationers* se formou, consistindo de eclesiásticos em ordens religiosas e frequentemente e leigos: os livreiros eram leigos enquanto os escribas eram eclesiásticos”<sup>24</sup>.

Os escribas podiam ser contratos por indivíduos que queriam alguma cópia de um livro ou poderiam trabalhar para *stationers* que faziam a ligação entre escribas e os compradores. Os trabalhos manuscritos produzidos pelos escribas possuíam diversas características. Como mostra Blades<sup>25</sup>: A primeira folha seria deixada em branco e somente escreveriam na terceira folha, para o livro ter uma maior proteção e faziam apenas uma página de cada vez, processo copiado pelos tipógrafos futuramente. A parte superior da primeira página escrita era, geralmente, deixada em branco para uma futura ilustração ser introduzida. Durante esse trabalho, não era comum colocar a data da transcrição da obra ou nome do escriba, outra característica herdada pelas tipografias. Isso mostra algumas semelhanças entre o processo manuscrito e impresso da produção de livros impressos, apesar de serem métodos diferenciados a tipografia, herdou muitas características de sua antecessora.

Além dos escribas copiarem textos para os estudantes, Feather afirma que manuscritos de literatura também eram copiados, inclusive, a pedido do autor, para fazer cópias para amigos e patronos.

---

<sup>23</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 19. (Tradução Livre).

<sup>24</sup> *Ibidem*. p. 20.

<sup>25</sup> BLADES William. *The Life and Typography of William Caxton*. East & Blades. 1861. p. 29. (Tradução Livre).



Manuscritos de literatura eram copiados em considerável quantidade e frequentemente em um alto padrão por escribas comerciais. Existem até evidências sobre escriba profissional sendo associado a um autor, e trabalhando sob sua direção como seu “editor”, preparando cópias do seu novo trabalho para circulação entre patronos e amigos<sup>26</sup>

Esses dados representam que, mesmo antes das tipografias, a sociedade inglesa possuía, em certo grau, uma quantidade de livros e um mercado voltado para o mesmo. Todavia, esse circuito não estava acessível a todos, pois: “Como muitos estudantes eram pobres e não poderiam comprar um livro, o preço seria aproximadamente um automóvel hoje, o mestre lia parágrafo do texto do dia”<sup>27</sup>. O preço dos livros manuscritos tornava inviável a leitura direta do mesmo por estudantes com menor poder aquisitivo mesmo em centros onde a produção do mesmo acontecia, exceto por empréstimo. Feather<sup>28</sup> aponta que a maior produção de livros na Inglaterra se encontrava em Londres, mas também existia nas universidades de Oxford e Cambridge, bem como existem evidências de venda de livros em York e outras cidades.

O surgimento das tipografias não eliminou os antigos vendedores de livros. Muito pelo contrário, muitos deles estavam preparados para vender impressos e manuscritos juntamente, e uma parte desse grupo, inclusive, ajudou a financiar as tipografias, “eles estavam prontos para vender livros impressos e manuscritos lado a lado. Muitos deles, sentindo a importância do novo método de reprodução de textos,

---

<sup>26</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 2. (Tradução Livre).

<sup>27</sup> RIDDLE, John M. *A History of Middle Ages, 300 -1500*. Rowman & Littlefield Publishers Inc. Maryland, 2008. p. 306. (Tradução Livre).

<sup>28</sup> *Idem*.

começaram a trabalhar com prensas ou ajudaram a financiar e estabelecer prensas.”<sup>29</sup>. Essa relação dos antigos vendedores de livros com a nova tecnologia demonstra uma confiança no futuro mercado, indica como existia um razoável público leitor para esse tipo de artigo na sociedade da época. Vale afirmar que aqueles que não conseguiram se adaptar ao novo modelo rapidamente desapareceram:

O período testemunhou um avivamento na cópia de livros litúrgicos e devocionais por comunidades religiosas. Também se vê uma invasão do mercado por livros produzidos pelo novo processo de impressão com tipo móvel, e o eclipse dos produtores de livros e comerciantes que não se adaptaram às novas técnicas.<sup>30</sup>

A cópia de livros litúrgicos sempre foi um foco do mercado livros, seja nos manuscritos como nos impressos. O surgimento das tipografias foi bem aceito por membros da Igreja, que agora teriam acesso a esse material de forma facilitada não apenas para si mesmos, mas, também, para reproduzir de forma mais padronizada discursos para os membros não letrados diante de seus púlpitos. Além do público litúrgico, outros membros da sociedade também ansiavam por esse mercado, já que existia um mercado de manuscritos inseridos nessa sociedade. A existência de um mercado urbano prévio para textos escritos possibilitou o surgimento do mercado de impresso nas cidades:

---

<sup>29</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 78. (Tradução Livre).

<sup>30</sup> VALE, Malcolm. *Manuscripts and Books* In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p 278. (Tradução Livre).

A forma como a impressão foi criada por empresários urbanos leigos também devia muito aos precedentes estabelecidos pelo revendedor de livros manuscritos anterior. Havia, obviamente, um vínculo importante entre o livreiro que atuava como editor de livros universitários e a impressora que mais tarde serviu na mesma função<sup>31</sup>

A implantação das tipografias encontrou um mercado de livros já estabelecido. Considerando que esse mercado era determinado por certos fatores tais como o número de pessoas letradas e que desejam ler e sua habilidade de obter material para ler. Como todo produto, o livro impresso dependia de suas vendas para continuar sendo um negócio lucrativo. “O desenvolvimento e a disseminação da impressão dependeu de uma mistura de empreendimento, especulações, investimentos, transportes e, em última instância, mercado.”<sup>32</sup>

O crescimento das tipográficas no decorrer do último terço do século XV começou a roubar um espaço que anteriormente pertencia majoritariamente a Igreja, mas esse processo já havia começado nos séculos anteriores, com um maior número de pessoas letradas e uma maior circulação de obras escritas. Apesar de que ao longo dos séculos XII a XV a Igreja perdera paulatinamente o quase monopólio da escrita, mesmo em fins do século XV os impressos foram utilizados para reforçar o papel da instituição eclesiástica na sociedade. Alguns exemplos dessa relação podem ser identificados em certas publicações de Caxton, tal como a do texto *The Mirror of the World* -na qual é reafirmada a importância da tradicional hierarquização tri-funcional

---

<sup>31</sup> EINSTEIN, Elizabeth L. *From Scriptoria to Printing Shops: Evolution and Revolution in the Early Printed Book Trade*. In: CARPENTER, Kenneth E. *Books and Society in History: Preconference Papers*. R Bowker, 1083. p. 32. (Tradução Livre).

<sup>32</sup> MCKITTERICK, David. *The Beginning of Printing*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 291. (Tradução Livre).

da sociedade, no mesmo âmbito está o livro “*The order of chivalry*”<sup>33</sup>, que aborda o estrato cavalheiresco da sociedade, além de livros que tratam de personagens importantes na religião cristã como “*The life of Our Lady*”<sup>34</sup> em 1485 e “*The life of the holy and blessed virgin St. Winifred*”<sup>35</sup> em 1485.

A relação de relativa proximidade de Caxton com a Igreja acrescentou prestígio aos seus impressos, fortalecendo a credibilidade do mesmo, inclusive para fazer novos trabalhos através de novos patrocinadores. Logo, “Caxton também publicou uma série de livros litúrgicos, tratados devocionais e indulgências que foram úteis para os clérigos aglomerados em torno da abadia em que sua loja estava situada”<sup>36</sup>

A produção de textos feita por Caxton inseria-se em uma verdadeira revolução quantitativa no âmbito da escrita e da leitura. Até a década de 1480, existiam prensas instaladas nas grandes cidades europeias e até a década de 1500, estima-se que foram produzidos, em toda Europa, entre seis e quinze milhões de livros em quarenta mil edições diferentes, mais do que havia sido produzido desde a queda do império romano<sup>37</sup>. Gerando grandes consequências na sociedade da época:

A consequência dessa disseminação massiva do impresso foi uma revolução no conhecimento e na comunicação que afetou a sociedade de cima para baixo. A velocidade e quantidade desses livros eram distribuídas sugere que a impressão cultivou novas comunidades de leitores ansiosos para consumir o material diverso que rolou fora das imprensas<sup>38</sup>

---

<sup>33</sup> CAXTON, William. *The order of chivalr*. Westminster. 1484.

<sup>34</sup> CAXTON, William. *The life of Our Lady*, 1483.

<sup>35</sup> CAXTON, William. *The life of the holy and blessed virgin St. Winifred*. 1485.

<sup>36</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 9.

<sup>37</sup> BROTTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006. p. 48. (Tradução Livre).

<sup>38</sup> *Ibidem*. p. 49.

A relação dos impressos com a aristocracia e os novos grupos letrados da sociedade gerou um ambiente favorável para que Caxton produzisse livros no período, conseguindo patronato de vários membros da aristocracia, principalmente da casa York. Além do patronato para a produção, os membros da aristocracia eram os principais clientes de Caxton<sup>39</sup>. Consequentemente, as produções de Caxton eram voltadas, em princípio, para esse grupo e para gentry, as camadas superiores da sociedade Inglesa do século XV.

Não há dúvidas de que o maior número de livros na sociedade e a transição para uma sociedade mais voltada para a escrita foi um marco para a sociedade medieval. Entretanto, não basta, apenas, saber que a maior existência de textos modificou a sociedade, é importante se entender como isso ocorreu e o que facilitou essa transição.

No decorrer do século XV a Inglaterra e toda a Europa viu uma modificação na forma em que os textos eram publicados, passando de um processo manuscrito para o uso de prensas nas tipografias. Juntamente com Caxton, “diversos outros impressores se estabeleceram na Inglaterra nas duas últimas décadas do século XV.”<sup>40</sup> A grande quantidade de impressores e, consequentemente, de livros impressos modificaram a sociedade da época.

Essa alteração no mercado de textos foi indispensável para uma profunda transformação nos hábitos da sociedade, e isso será tratado no próximo item desse capítulo.

---

<sup>39</sup> Bennett escreveu um artigo em que evidencia os principais clientes de Caxton. IN: BENNETT, H. S. *Caxton and His Public. The Review of English Studies* Vol. 19, No. 74 (Apr. 1943), p. 113-119. (Tradução Livre).

<sup>40</sup> BLAKE, Norma Francis. *William Caxton and English Literary Culture*. Bookcraft Ltd, 1991. p. 69. (Tradução Livre).

## 1.2 Surgimento das Tipografias

As tipografias proporcionariam uma mudança profunda na sociedade Europeia. “De todas as mudanças testemunhado pelo século quinze, é possível argumentar que nenhuma teve um efeito tão profunda como a invenção de impressão”<sup>41</sup>.

Antes de entrar no tema propriamente dito exploraremos como funcionavam as tipografias, pois é importante rever os passos que levaram as mesmas a existir. Existem dois fatores fundamentais para que a tipografia surgisse: a disseminação do uso do papel e a construção dos blocos de impressão utilizados para as maquinas tipográficas.

Primeiramente, é importante falar da produção do papel e a transição do pergaminho para o papel propriamente dito. O papel começou a ser fabricado na Europa a partir do século XIV, tendo como principal matéria prima trapos, como é indicado por Febvre e Martin:

A matéria prima usada, trapos velhos, era obtida de vendedores especializados, que coletavam e levava para o moinho, onde era separado. Para um papel de boa qualidade, para impressos particularmente, um frágil trapo branco era essencial e era necessário separar de tecidos mais resistentes.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> MCKITTERICK, David. *The Beginning of Printing*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p 287. (Tradução Livre).

<sup>42</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 33. (Tradução Livre).

Após selecionado o trapo era picado, deixado para fermentar, onde a celulose e a gordura do pano se separavam. Após era levado para um moinho, no qual era reduzido para tamanhos menores, para então ser colocado em água com uma medida de sabão, depois, colocado em água morna, para, por último, ser colocado nas formas e secado<sup>43</sup>.

Devido à necessidade de água para se fazer o papel, o mesmo era feito geralmente em antigos moinhos, “De acordo com Briquet, um quilo de papel necessitaria de 2000 litros de água.”<sup>44</sup>. Além do fácil acesso a água para próximas aos moinhos, esse local também era utilizado pela facilidade de moer os tecidos para fazer o papel.

Além do uso do papel nos impressos, o mesmo já era utilizado em outros tipos de documentos:

Um crescente uso do papel na produção de livros foi evidente no final do século quatorze. Apesar papel de trapo já ser utilizado por motivos de arquivo e documentação desde o final do século treze, textos literários, teológicos, devocionais e científicos em papel começaram a aparecer em profusão apenas após c. 1400.<sup>45</sup>

Como o papel era financeiramente mais viável que os pergaminhos, ele começou a ser mais utilizado no cotidiano. “Materiais para escrita mais baratos encorajaram a gravação de mais sermões, orações, adágios e poemas. Isso contribuiu grandemente em mais volumes de correspondência e para se guardar mais diários,

---

<sup>43</sup> *Idem.*

<sup>44</sup> *Ibidem.* p. 34.

<sup>45</sup> VALE, Malcolm. *Manuscripts and Books* In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 279. (Tradução Livre).

memórias, cadernos e anotações”<sup>46</sup>. Isso aconteceu devido à diferença entre os materiais de produção. Enquanto o pergaminho era feito de pele animal, geralmente sendo um processo mais artesanal, o papel era produzido de trapos e feito em grande quantidade, sendo que existiam diferentes qualidades de papéis para diferentes usos na sociedade. Apesar da grande maioria dos livros públicos terem sido impressos em papel, ainda existiam obras impressas em papel velino. “A maioria dos livros foi impresso em papel, mas o velino continuava a ser utilizado em cópias especiais, ou para publicações muito usadas como livros escolares, ou partes de livros como o cânone da missa.”<sup>47</sup>

O outro material necessário para as tipografias eram os blocos utilizados para gravar a letra no papel. A utilização de blocos para gravar em papel já existia na Ásia séculos antes das tipografias Europeias. “Uma espécie de prensa de blocos de madeira era utilizada na China e Coreia no século VI.”<sup>48</sup> Feather ainda afirma que não existem dados que comprovem cabalmente que os europeus tiveram contato com os blocos. Para se ter uma ideia da sua utilização, “Por volta de 1313, um artesão chinês, produziu mais de sessenta mil letras, cada uma em um bloco”<sup>49</sup>. Devido a essa grande utilização dos blocos de prensa no Oriente é possível que os europeus já tivessem tido alguma ligação com esse material em algum momento da história.

Esses mesmos blocos apareceram na Europa anteriormente à criação das tipografias, os mesmos eram usados para gravar em tecidos e em xilogravuras:

---

<sup>46</sup> EISENTEIN, Elizabeth. *The Printing Press as an Agent of Change, Volume 1*. Cambridge University Press. 1997. p. 217. (Tradução Livre).

<sup>47</sup> MCKITTERICK, David. *The Beginning of Printing*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p 291. (Tradução Livre).

<sup>48</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 5. (Tradução Livre).

<sup>49</sup> RIDDLE, John M. *A History of Middle Ages, 300 -1500*. Rowman & Littlefield Publishers Inc. Maryland, 2008. p. 447. (Tradução Livre).



Em todo caso, blocos de madeira gravados eram usados antigamente na Europa para tecidos impressos, primeiro repetindo temas, depois, a partir do século quatorze, com cenas, e esse processo parece ter sido transferido sem dificuldade de um material para outro para fazer impressos no papel. Seja qual for o caso, as primeiras xilogravuras sobre papel datam dos anos 1417-1437.<sup>50</sup>

Apesar dos blocos de madeira já existirem na Europa, o processo de impressão necessitava de blocos mais resistentes. “Blocos de madeira se desgastam facilmente”<sup>51</sup>sendo assim, foram usados blocos de metal. “Parece que as primeiras letras eram de latão ou bronze, metais menos duráveis que aço, que foi usado posteriormente, e eles inicialmente usaram moldes matriz que eram feitos colocando chumbo em volta das letras”<sup>52</sup>. A utilização dos blocos de aço gerava uma maior longevidade das peças, já que demoravam mais para se desgastar e, portanto, não precisavam ser trocados com tanta frequência.

O surgimento da tipografia, e, conseqüentemente, dos livros, modificou a cultura da sociedade medieval. Primeiramente, essa modificação é vista pela facilidade de possuir obras escritas após o surgimento do impresso. Fazendo uma comparação entre o manuscrito e o impresso, enquanto o manuscrito podia chegar a meses para se fazer uma cópia, que podia não ser totalmente fiel ao original, as cópias impressas necessitavam de menos trabalho, recursos financeiros e tempo para ficarem prontas e conferiam uma maior chance de serem iguais ao original. Henri-Jean Martin fala do trabalho de se fazer um manuscrito:

---

<sup>50</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 46. (Tradução Livre).

<sup>51</sup> *Ibidem*. p. 76.

<sup>52</sup> *Ibidem*. p. 57.

Diferente dos livros impressos, os manuscritos eram por definição únicos. No final da Idade Média um autor normalmente escrevia uma cópia de apresentação de um trabalho que era oferecida a um *protetor* e copiadores, normalmente trabalhando por comissão, agrupados em uma oficina pequena e especializada para reproduzir os textos para professores universitários, humanistas ou leigos devotados.<sup>53</sup>

Como sugerido por Martin o trabalho necessário para que um texto fosse popularizado era dispendioso e lento, já que todas as cópias eram escritas a mão. Em contrapartida, a tipografia conseguia fazer o mesmo de forma rápida e com menores custos. “Isso demonstrou que doravante uma única prensa poderia produzir, em quantidade e com custo relativamente baixo”<sup>54</sup>. Devido ao seu menor custo os “impressos se espalharam pela Europa extremamente rápido”.<sup>55</sup> Apesar do menor custo necessário para a produção de um texto, esse ainda era relativamente dispendioso:

É impossível negar a importância que o mercado possuía para os tipógrafos da época, o livro acima de tudo era um produto feito com objetivos financeiros, sendo esses um dos principais atrativos do livro em contrapartida ao manuscrito. Essa diferença entre os dois tipos de textos se dá principalmente no número de cópias que cada um possuía, já na década de 1470 cada edição possuía cerca de 300 a 400 cópias<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> MARTIN, Henri-Jean. *The History and Power of Writing*. Chicago; University of Chicago Press, 1994. p. 186. (Tradução Livre).

<sup>54</sup> *Ibidem*. p. 226.

<sup>55</sup> *Ibidem*. p. 232.

<sup>56</sup> *Ibidem*. p. 238.

O livro impresso, mesmo com seu custo baixo e um mercado crescente, ainda possuía dificuldades para sua produção. Nesse momento, o patrocínio, principalmente de membros da aristocracia, foi essencial para a difusão dos textos. O ato de patrocinar um livro, ou até mesmo uma tipografia, não era apenas devido a questão financeira, mas também ocorria devido a influência política que esse patrocínio gerava para o tipógrafo e o capital cultural e simbólico que a tipografia gerava para aristocrata. Isso ocorria devido a influência que o livro impresso ganhou na Idade Média, sendo até, visto como divino, como é possível ver no início do século XVI, como Martin apresenta ao falar de um diálogo entre Gargantua e Pantagruel. “Gargantua escreve para Pantagruel (1532) que a impressão foi descoberta como se fosse por inspiração divina, enquanto artilharia e pólvora, ao contrário, era trabalhos diabólicos”<sup>57</sup>. Isso mostra como a palavra escrita alçou poder crescente naquela sociedade. E o mercado de livros cresceu, juntamente com ele oportunamente o empreendimento de Caxton:

A política de publicação da Caxton foi claramente um reconhecimento da importância das forças do mercado, e o aumento gradual do número de impressoras e na quantidade de livros que eram produziram pode ser visto como uma série de explorações do potencial do mercado inglês de livros impressos<sup>58</sup>

Desde o surgimento das tipografias, esse mercado não parou de crescer “entre os séculos XV e XVIII, presenciamos, o número de prensas multiplicar e o número de

---

<sup>57</sup> *Ibidem.* p. 227.

<sup>58</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p.17. (Tradução Livre).

livros produzidos crescerem continuamente também.”<sup>59</sup> Esse crescimento é visível através dos números de cópias que eram feitas a cada edição. Entre 1480 e 1490 o comum era a produção de 400 a 500 cópias, já em 1490, em geral cerca de 700 cópias. Após 1500 já existem relatos de 1250 a 1500 cópias por edição. Os textos religiosos poderiam ainda passar essa marca<sup>60</sup>. “Se estima que por volta de 1500 prensas tinham imprimido entre 6 e 15 milhões de livros em 40,000 edições diferentes, mais livros do que foi produzido desde a queda do Império Romano.”<sup>61</sup> Durante os séculos seguintes o número de prensas se multiplicou e a quantidade de livros continuou a crescer continuamente<sup>62</sup>. É possível se ter uma ideia desse crescimento ao se saber que ainda na década de 1470 era comum se imprimir cerca de 150 cópias em média, em Lugares como a tipografia de Johannes Philippus de Lignamine em Roma.<sup>63</sup> Já na década de 1480 e 1490 a média de cópias podiam chegar 500, podendo ultrapassar dependendo do impressor.<sup>64</sup>

Os dados apresentados podem ser ainda maiores, já que devido ao tempo, muitos livros se perderam. “Apesar do fato que muitos livros, inclusive edições inteiras, se perderam, é claro que desde o início da indústria editorial se confiou em livros que poderiam comandar um grande mercado”<sup>65</sup>. Apesar desse foco em obras que já conhecidas e que possuíam uma grande chance de vendas, devido a sua notoriedade

---

<sup>59</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 216. (Tradução Livre).

<sup>60</sup> *Ibidem*. p. 219.

<sup>61</sup> BROTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006. p. 48. (Tradução Livre).

<sup>62</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 216. (Tradução Livre).

<sup>63</sup> *Ibidem*. p. 217.

<sup>64</sup> *Ibidem*. p. 218.

<sup>65</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 20. (Tradução Livre).

com o público, esse mercado se baseava bastante nos financiamentos feitos por aristocratas ou instituições.

Até o século XVI era comum algumas instituições, como mosteiros e universidades, financiarem a abertura de uma tipografia com o objetivo de se utilizar da mesma. “Até a metade do século dezesseis parecia que o comércio na Inglaterra se desenvolveria como no continente, onde prensas se estabeleciam em várias cidades com o patrocínio de instituições locais como mosteiros ou universidades.”<sup>66</sup> A maior parte da igreja aceitou as mesmas com grande entusiasmo. “A recepção entusiasmada dada as prensas por eclesiásticos não ficaram confinada a abades e monges. Pregadores estavam ansiosos para estender a audiência dos seus sermões, prelados tentavam angariar fundos para cruzadas, reformadores queriam educar o clero”<sup>67</sup>. A aceitação por parte de grupos religiosos obras e, juntamente com isso, o financiamento que esses grupos faziam as tipografias e aos editores, seja através de compra de livros, na requisição de impressões, fossem essas bulas religiosas, sermões ou conteúdos voltados para os membros da Igreja, aumentava a rentabilidade das tipografias medievais. Pois “Inicialmente as prensas emitiram livros religiosos - Bíblias, breviários, sermões e catecismos - mas livros gradualmente mais seculares foram introduzidas, como romances, narrativas de viagem, panfletos, jornais e livros de conduta aconselhavam as pessoas sobre tudo desde a medicina até sobre deveres da esposa.”<sup>68</sup>

Além das instituições, mosteiros e universidades, frequentemente os editores possuíam como patrocinadores membros da aristocracia. Caxton possuía uma relação íntima com a casa York e, inclusive, dedicava obras a membros dessa família. Outros aristocratas encomendaram que o mesmo imprimisse crônicas, como *Le Morte*

---

<sup>66</sup> *Ibidem.* p. 12.

<sup>67</sup> EINSTEIN, Elizabeth L. *From Scriptoria to printing Shops: Evolution and Revolution in the Early Printed Book Trade*. In: CARPENTER, Kenneth E. *Books and Society in History: Preconference Papers*. R R Bowker, 1083. p. 37. (Tradução Livre).

<sup>68</sup> BROTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006. p. 49. (Tradução Livre).

*d'Arthur* ou como o caso do Conde de Warwick (1428 – 1471) que encomendou o *Chess-Book* em 1474.

Esse tipo de patrocínio aconteceu com grande frequência até meados do século XVI, época em que foi relativamente recorrente que os aristocratas utilizassem desses patrocínios para seus interesses *culturais-políticos*. “No reinado de Elizabeth, o conde de Leicester era um generoso patrocinador, para quem diversos livros foram dedicados.”<sup>69</sup> Esse tipo de financiamento da imprensa começou a minguar no decorrer do século XVI, principalmente devido à alta lucratividade dos livros, que fez com que não fosse mais necessário. “Patronos, no entanto, não estavam mais dispostos a emprestar seus nomes para as obras que estavam se tornando mais rentáveis para o comércio de livros. O próprio comércio se envolveu no processo de criação de livros, começando a mudar o patrocínio por simples pagamentos”<sup>70</sup>. O aumento da quantidade de livros, a facilidade de venda cooperou para uma maior rentabilidade para os tipógrafos e vendedores de livros do período. Logo, a velocidade e a quantidade com que livros foram distribuídos sugere que as prensas cultivaram novas comunidades de leitores ansiosos para consumir o material diverso que foi editado<sup>71</sup>.

Com o passar das décadas o mercado de livros impressos cresceu ao ponto que não somente não era mais necessário um patrono para financiar a impressão de alguma obra, bem como as prensas começaram a financiar autores. Todavia é verdade “que algumas tipografias eram, na verdade, os patronos dos seus autores.”<sup>72</sup> Esse dado demonstra como o mercado de livros evoluiu durante suas primeiras décadas, pois havia “uma demanda pronta para livros de um público mais amplo, e os editores existiam para satisfazer suas necessidades. A Europa do final do século XV estava,

---

<sup>69</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 24. (Tradução Livre).

<sup>70</sup> *Ibidem*. p. 25.

<sup>71</sup> BROTTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006. p. 49. (Tradução Livre).

<sup>72</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 24. (Tradução Livre).

portanto, bem preparada para a introdução de novas técnicas, para a produção em massa e para maior divulgação da palavra escrita.”<sup>73</sup> E “em 1480 prensas estavam estabelecidas com êxito nas principais cidades da Alemanha, França, Holanda, Inglaterra, Espanha, Hungria e Polônia.<sup>74</sup> Essa nova técnica de divulgação de conhecimento, foi bem aceita na época, logo foi reconhecida por seu valor religioso, escolar e social<sup>75</sup>. Com as tipografias as pessoas agora teriam potencialmente acesso a diversos textos que já possuíam conhecimento da existência. “Sendo assim, europeus de classe média poderiam pagar por livros, incluindo a Bíblia”<sup>76</sup>. O fato é que nos primeiros anos das prensas na Inglaterra, e em qualquer lugar da Europa, um pequeno número de impressores/publicadores foram capazes de sobreviver imprimindo a herança da Idade Média que era livremente disponível, as vezes em centenas de cópias manuscritas<sup>77</sup>. Essas obras vastamente conhecidas pelo público, devido a sua longa existência, ajudaram a manter e popularizar esse mercado nos seus primeiros anos.

Juntamente com o crescimento das tipografias ocorreu também a expansão da demanda por obras específicas que agradassem o público. Durante o século XV aumentou o desejo por obras ilustradas:

---

<sup>73</sup> MCKITTERICK, David. *The Beginning of Printing*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 286. (Tradução Livre).

<sup>74</sup> BROTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006.p. 48. (Tradução Livre).

<sup>75</sup> MCKITTERICK, David. *The Beginning of Printing*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 295. (Tradução Livre).

<sup>76</sup> RIDDLE, John M. *A History of Middle Ages, 300 - 1500*. Rowman & Littlefield Publishers Inc. Maryland, 2008. p. 446. (Tradução Livre).

<sup>77</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005. p. 23. (Tradução Livre).

O século XV viu também uma demanda sem precedentes para os livros ilustrados em muitos níveis sociais. Estes variaram dos volumes iluminados ricamente decorados encomendados para príncipes, nobres e ricos patrícios para a *rapiaria* ou livros comuns, muitas vezes contendo diversos sortidos de textos devocionais com ilustrações de gravura em madeira, produzidos para membros mais humildes dos leigos letrados<sup>78</sup>

Essa demanda por obras específicas mostra que o livro se tornou um produto feito em quantidade e sujeito as leis do mercado. Dessa forma, aqueles que produziam e vendiam livros enfrentavam os problemas de preço – preço de custo e venda – financiamento e distribuição.<sup>79</sup>

Pensando o caso específico do reino de Inglaterra, o mercado livreiro demorou para se desenvolver. “Na Inglaterra a impressão e venda de livros foi primeiramente desenvolvida por estrangeiros – principalmente franceses – que compunham dois terços dos funcionários do mercado livreiro entre 1476 e 1533”<sup>80</sup>. Apesar de nesse período Caxton já estar instalado e trabalhando em Westminster a grande maioria dos produtores era composta por imigrantes do continente.

Caxton foi uma figura marcante para a história dos livros e para a história do século XV. No decorrer de sua vida trabalhou com comerciante, diplomata e tipógrafo, sendo considerado o pai do inglês moderno, Caxton é uma figura importante na história inglesa e será melhor tratado no capítulo a seguir.

---

<sup>78</sup> ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 279. (Tradução Livre).

<sup>79</sup> FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997. p. 237. (Tradução Livre).

<sup>80</sup> *Idem*.



## 2. William Caxton e sua época: algumas considerações

Para se entender melhor a utilização dos textos no decorrer do século XV é necessário analisar alguns pontos que serão melhores tratados nesse capítulo da dissertação. Para isso, esse capítulo será dividido em dois itens intitulados “*A trajetória de William Caxton*” e “*The Chronicles of England*”. Enfatizaremos o contexto em que Caxton estava inserido, os textos que publicou e suas relações com um contexto mais amplo que se convencionou chamar de Guerra das Rosas.

### 2.1 A trajetória de Willian Caxton

Willian Caxton foi um grande personagem nas tipografias e no âmbito literário do período, sendo esse um dos responsáveis pela modernização do inglês escrito, sendo considerado o pai do inglês moderno, e também pela difusão do livro impresso no reino da Inglaterra. No decorrer de sua vida, Caxton trabalhou como comerciante, diplomata e editor de textos. Apesar de não se possuir muitos detalhes sobre os primeiros anos de sua trajetória, a historiografia acredita, segundo John Wagner<sup>81</sup>, que Caxton nasceu em 1422 na cidade de Kent. Isso é também sugerido por William Blades em seu livro “*The Biography and Typography od William Caxton, England’s First printer*”<sup>82</sup>. No referido texto o autor fala que Caxton teria afirmado “Eu nasci e aprendi meu inglês em no descampado Kent que não duvido seja falado um inglês grosseiro como em qualquer

---

<sup>81</sup> WAGNER. John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 50. (Tradução Livre).

<sup>82</sup> BLADES. William. *The Biography and Typography od William Caxton, England’s First printer*. Londres: Trubner & Co, 1877. (Tradução Livre).

lugar da Inglaterra”<sup>83</sup>. Blades afirma que não existem outros dados mais precisos sobre seu local de nascimento. Norman Francis Blake afirma em seu livro “*William Caxton and English Literary Culture*”<sup>84</sup> que Caxton fez referência a esse dado no prologo<sup>85</sup> do livro *Histories of Troy* “Caxton refere a ter nascido em Kent no seu prologo de *Histories of Troy (...)*”<sup>86</sup>. Apesar desse dado Blake afirma que isso pode não ser correto, já que no período “to be born in Kent”<sup>87</sup> era um provérbio usado independentemente de onde a pessoa tivesse nascido.

Se acredita<sup>88</sup> que Caxton foi registrado na Worshipful Company of Mercer em 1438, já que nesse ano que ele pagou a taxa de admissão de dois xelins, essa informação é apresentada por Blake<sup>89</sup>, mas ele também afirma que não era necessário pagar essa taxa imediatamente<sup>90</sup>, apesar de não se tem como ter certeza do ano de entrada na companhia é comumente aceito a sua data de entrada como aprendiz em 1438.

Durante seu período como aprendiz, Caxton, ficava as ordens de Robert Large que lidava com produtos luxuosos, Blake supõe que sua ligação com Large tenha surgido através da relação dos pais de Caxton com o mesmo. E segundo Blake:

---

<sup>83</sup> *Ibidem.* p. 1.

<sup>84</sup> BLAKE, Norma Francis. *William Caxton and English Literary Culture. Inglaterra: Bookcraft Ltd, 1991.* (Tradução Livre).

<sup>85</sup> *and was born & lerned myn engliss in kente in the weeld where I doubte not is spo/ken as brode and rude engliss as is in ony place of eng/lond & haue contynued bythe space of / xxx. yere for the most parte in the contres of Braband* In: LEFÈVRE, Raoul. *Recuyell of The Historyes Of Troye.* 1473.

<sup>86</sup> BLAKE, Norma Francis. *William Caxton and English Literary Culture. Inglaterra: Bookcraft Ltd, 1991.* p. 24. (Tradução Livre).

<sup>87</sup> *Idem.*

<sup>88</sup> *Ibidem.* p. 29.

<sup>89</sup> *Ibidem.* p. 41.

<sup>90</sup> *Idem.*

Apesar de não se saber nada de seu nascimento e parentesco, é provável que seus pais tenham sido mercadores ou oficiais reais. Caxton foi matriculado como aprendiz com Robert Large, um mercador que posteriormente virou prefeito lorde de Londres; e seu pagamento de admissão é registrado no livro de contabilidade da Mercers em 1438.<sup>91</sup>

Se sabe que Larger faleceu em 1441 e que Caxton era aprendiz do mesmo até essa data, aparecem indicações disso em um texto datado de 11 de abril de 1441. Após a morte do mesmo, Caxton não aparece nos registros como aprendiz de outro comerciante, se acredita que Large fez arranjos para que Caxton continuasse seus serviços ainda em sua casa, ou que a esposa de Large tenha assumido o negócio no nome dele.<sup>92</sup> Em 1445 Caxton se muda pra Bélgica, para Bruges, se juntando a uma companhia de mercadores que possuía como foco comercio internacional A Merchant Adventures “(...) uma associação de comerciantes envolvidos no comércio exterior”<sup>93</sup>. Foi devido a essa mudança que começou a trabalhar com impressos.<sup>94</sup>

No decorrer de sua vida como comerciante, Caxton obteve acesso a inúmeros manuscritos e livros, recentemente impressos na Europa, tal como indicado por John Feather no livro *A History of British Publishing*: “O próprio Caxton na época era comerciante em Bruges, com certeza esteve envolvido no comércio de manuscritos e possivelmente lidou com livros impressos”<sup>95</sup>; Supostamente, segundo o referido autor,

---

<sup>91</sup> *Ibidem.* p. 64.

<sup>92</sup> *Ibidem.* p. 43.

<sup>93</sup> *Ibidem.* p. 1.

<sup>94</sup> Cf. *Idem.*

<sup>95</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Routledge. Londres. 2005. p. 7. (Tradução Livre).

teria percebido o quanto o reino da Inglaterra era menos atualizado no ramo de impressão de livros e na circulação dos mesmos como o demonstrado por Feather. “Até mesmo a grande universidade de Oxford, uma vez equivalente a Paris e Bologna, tinha sucumbido em uma escuridão provincial”<sup>96</sup>. Esse relativo atraso da universidade de Oxford frente às outras universidades contemporâneas deveu-se, principalmente, pela demora da implantação da técnica da impressão.

Em 1462 os membros da Merchant Adventurers apontam Caxton como seu governador em Bruges. Essa informação também é referida por Blake:

Caxton prosperou em suas vendas locais e por volta de 1462 foi eleito para a posição de governador da nação inglesa em Bruges. Como governador ele ficou envolvido em diversas negociações diplomáticas que aconteciam entre Inglaterra, Burgúndia e França, e é possível que tenha comparecido ao casamento de Margaret, irmã de Eduardo IV, com o Duque Carlos de Burgúndia.<sup>97</sup>.

Durante o segundo reinado de Henrique VI (1470-1471), Caxton deixa sua função informal de diplomata na Burgúndia, na medida em que a ascensão de Henrique Lancaster ao trono tornava o seu papel diplomático deslocado, tendo em vista sua proximidade com a recém destronada casa York. Durante 1470-71, Caxton viajou como comerciante a vários países, dentre essas viagens é possível que tenha se encontrado com Eduardo IV na Burgúndia, local de exílio do rei, como é sugerido por Wagner: “Porque o rei, empregou-o como um diplomata-comercial, Caxton pode ter encontrado Eduardo IV quando ele estava no exílio, na Burgúndia, durante o inverno de

---

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>97</sup> BLAKE, Norma Francis. *William Caxton and English Literary Culture. Inglaterra: Bookcraft Ltd, 1991*. p. 167. (Tradução Livre).

1470.”<sup>98</sup> Além do provável contato com o rei exilado, Caxton também possuía relações com a irmã do rei Eduardo IV, Margarida York, duquesa de Burgúndia, fruto de sua ação como diplomata quando Eduardo IV ainda estava no trono;

(...) Caxton não era apenas um comerciante, mas também um diplomata que circulou nas cortes tanto da Inglaterra como da Burgúndia, um fato que foi central para sua política editorial. As ligações entre Inglaterra e Burgúndia eram fortes; laços comerciais que foram reforçados com o casamento do duque com a irmã do rei da Inglaterra. Essa era a Duquesa Margarida, primeira patrocinadora de Caxton.<sup>99</sup>

Esta relação entre Caxton e a dinastia York, tanto em sua época de diplomata quanto de editor de textos pode esclarecer a escolha desse monarca pelas publicações de Caxton, adotando a forma de dedicatória, como parte da estratégia de defesa da causa York em algumas de suas edições.<sup>100</sup> E somava-se a isso a necessidade implícita de se louvar o poder dominante que poderia, eventualmente, vetar o prosseguimento de suas publicações.

Em meados de 1470, Caxton passou por um período em Colônia, atual Alemanha, onde obteve contato com tipografias. Em 1472, retornou para Bugres e em conjunto com Colard Mansion estabeleceu uma gráfica, na qual imprimiu seu primeiro texto, *Recuyell of the Historyes of Troye* em 1473. A obra em questão possuía uma

---

<sup>98</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001, p. 50. (Tradução Livre).

<sup>99</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledge, 2005. p. 8. (Tradução Livre).

<sup>100</sup> “(...) *I pray god saue & keep / & send hym the accomplisshement of the remanau~t of his rightful enheritau~ce beyo~de the see / & that he may regne in them to the plausie of almighty god (...)*” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 151.

dedicatória a Margarida, Duquesa da Burgúndia, inclusive afirma que sua tradução foi polida pela duquesa antes de imprimir o texto.<sup>101</sup>

Em 1477, William Caxton iniciou seu trabalho como impressor na Inglaterra ao importar uma máquina de impressão da região de Bugres. Esse novo trabalho só foi possível devido ao patrocínio das famílias York e posteriormente dos Tudor que financiavam o editor, tendo esse último obtido principalmente recursos da parte da referida Margarida, duquesa da Burgúndia. Logo, “com o patrocínio de membros da corte e das famílias York e Tudor, Caxton publicou trabalhos em inglês de história, filosofia, religião e romance”<sup>102</sup>, exercendo um papel fundamental no contexto cultural da época. Nesse momento o trabalho artístico normalmente ocorria mediante o patrocínio, realizado em geral com recursos em boa parte oriundos da aristocracia ou da grande burguesia. Essa questão também é apontada por Charles Ross “A emersão de Caxton, primeiro como tradutor e depois como impressor, incontestavelmente se deve ao apoio de membros da família de Eduardo e da corte.”<sup>103</sup> Desde Margarida, duquesa da Burgúndia que encomendou o primeiro livro de Caxton e auxiliou na tradução da obra *Historyes of Troye* a outros membros como Anthony Woodville, conde de Rivers, que patrocinou algumas obras.

Caxton possuiu durante seu trabalho como tipografo diversos trabalhos patrocinados pela aristocracia, como é o caso *Dictes and Sayings of the Philosophers* (1477) e o livro *Moral Proverbs* de Christine de Pisan (1478), ambos patrocinados por Anthony Woodville, conde de Rivers, cunhado do rei. Segundo Rutter “Caxton não se aventurou na impressão de textos sem um bom e útil patrocínio, Eduardo IV... pagou a ele uma soma em dinheiro para certos serviços realizados, e Caxton imprimiu “Tully” e “Godfrey” sob a “proteção” do rei.”<sup>104</sup>. Ainda segundo Rutter, outros patrocínios

---

<sup>101</sup> BLAKE, Norma Francis. *William Caxton and English Literary Culture. Inglaterra: Bookcraft Ltd, 1991. p. 68. (Tradução Livre).*

<sup>102</sup> *Ibidem.* p. 50.

<sup>103</sup> ROSS, Charles. *Edward IV.* New Haven: Yale University Press, 1997. p. 266. (Tradução Livre).

<sup>104</sup> RUTTLER, Russell. William Caxton and Literary Patronage. In: *Studies in Philology.* Vol. 84, No. 4 (Autumn, 1897). pp. 440-470. p. 449. (Tradução Livre).

foram importantes para Caxton. Dentre eles podemos destacar o realizado pelo Conde Warwick no livro *Chees-Book* (1474) e o de Ricardo III no livro *Order of Chivalry* (1484).

Quando retornou para a Inglaterra, Caxton estabeleceu-se em Westminster, sede política do governo do reino, local onde permaneceu até sua morte em 1492. “Porque era patrocinado pela corte e era natural para Caxton se estabelecer em Westminster, sede do tribunal e do Parlamento, em vez de na cidade de Londres, o centro comercial do reino”<sup>105</sup>. Esta escolha denota quais eram seus objetivos, pois a abertura de sua imprensa em Westminster reforçava a possibilidade de produção de impressos para os membros do parlamento e da Igreja. A escolha deste local para sua tipografia também se explica por suas relações com a dinastia York que ascendera ao trono da Inglaterra em 1461.

Caxton possuía um grupo específico para os quais pretendia vender suas publicações, principalmente as famílias aristocratas inglesas, logo, os temas de seus livros eram pautados principalmente pelos interesses dessa camada da sociedade. Buscando seguir certa expectativa dos presumíveis leitores Caxton imprimiu o livro *Morte de Arthur de Malory*, por exemplo, que foi encomendado por membros da aristocracia que desejavam obter mais fácil acesso a essa obra, como afirma Caxton no prefácio da edição de 1485: “os nobres insistiram para que eu imprimisse a história do nobre rei e conquistador Rei Arthur / e de seus cavaleiros e as histórias sobre o santo graal / e sobre a morte de Arthur”<sup>106</sup>. Além dessa obra, diversos outros textos foram produzidos a pedido de membros da aristocracia. No artigo *Caxton and His Public*<sup>107</sup> H. S, Bennet demonstra que dentre essas famílias estavam os: Humphrey de Gloucester, John Tiptoft, Eduardo IV, Sir John Fastolf, a família Paston, Sir James Gloys, Sir John

---

<sup>105</sup> FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledge, 2005. p. 9. (Tradução Livre).

<sup>106</sup> CAXTON, William, Prefácio IN: MALLORY, Thomas, *Le Mort d'Arthur*. 1485. p. 1. (Tradução Livre).

<sup>107</sup> BENNETT, H. S. *Caxton and His Public*. *The Review of English Studies* Vol. 19, No. 74 (Apr. 1943). p. 113-119. (Tradução Livre).

First, entre outras famílias aristocráticas, dentre eles as camadas superiores da gentry<sup>108</sup> ou mesmo da aristocracia propriamente dita. Durante os anos como impressor (1474 – 1491) Caxton publicou mais de 100 títulos, entre eles os textos *The Chronicles of England* e *Polychronicon* que foram baseados no grupo de manuscritos chamado de *Brut*.

O manuscrito *Brut* e a obra *The Chronicles of England*, que serão aprofundadas no próximo capítulo, possuem de forma implícita a perspectiva da época de redação das diferentes versões, principalmente o *The Chronicles of England*, cuja parte final é atribuída ao próprio Caxton. Por meio da análise dos temas abordados e dos termos utilizados é possível identificar uma proposição de valores para o período de sua publicação, 1480. A ideia implícita na narrativa do texto da crônica é a de *reformatio* da sociedade, ou seja, buscar no passado glorioso respostas para as angústias do presente.

Essa questão está intimamente ligada ao que hoje é convencionalmente chamado de Guerra das Rosas, um período em que os valores cavaleirescos e o que se considerava ideal estariam supostamente sendo perdidos, como proposto por McFarlane “A sequência fragmentada de batalhas, assassinatos, execuções e confrontos armados entre vizinhos, que escolhemos erroneamente chamar de Guerra das Rosas, fez repulsiva a segunda metade do século XV para todos, menos os de estômago forte.”<sup>109</sup> Apesar de atualmente conhecida por esse nome, a Guerra das Rosas, no período se caracterizou como uma crise dinástica que envolveu diversos conjuntos de batalhas separados por vários anos, sendo que esse nome somente foi

---

<sup>108</sup> A *gentry* inglesa, consistia de proprietários de terras sem títulos que exerciam extensiva influência política e social em suas localidades [...] A *gentry* era subdividida entre cavaleiros, escudeiros e *mere gentry* – categorias baseadas na renda e no status. Como cavaleiros do condado, cada vez com maior representação nas cidades, a *gentry* compunha a grande parte da Câmara dos Comuns. In: WAGNER, John A. *Encyclopedia of The War of The Roses*. Califórnia: ABC-CLIO: Santa Barbara, 2001. (Tradução Livre).

<sup>109</sup> MCFARLANE, K. B. *England in the fifteenth Century: Collected Essays*. Londres: Hambledon Press, 1981. p. 231. (Tradução Livre).



conhecido posteriormente, através das obras de William Shakespeare (1564 – 1616), perspectiva reforçada nos romances de Walter Scott (1771 – 1832).

## 2.2 Breves considerações sobre a Guerra das Rosas

Estudar a Guerra das Rosas é um tema, no mínimo, complicado. Existem tantas versões sobre o que aconteceu, que até o século XX esse tema era evitado pelos historiadores. Mas o que em si foi esse conflito? Nos utilizamos aqui do texto de Michael Hicks para resumir a Guerra das Rosas, a maior guerra civil na história inglesa:

A Guerra das Rosas foi o maior período de guerra civil na história inglesa. Ela começou logo após a derrota da Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453) e começou com o reinado do Henrique VI Lancaster (1422 – 1461), um rei fraco e ineficiente que ficou por curto período louco (1453 – 1461)<sup>110</sup>

Mas esse conflito dinástico não foi apenas uma guerra entre duas dinastias em busca da coroa inglesa. Como apresentado por Wagner: “Essas guerras civis, que o século XIX chamou de “Guerra das Rosas”, foi um período de caos político, de desordem econômica, rompimento social, estagnação cultural e até de declínio

---

<sup>110</sup> HICKS, Michael. *The War of the Roses: 1455 – 1587*. Osprey Publishing, 2003. p. 7. (Tradução Livre).

moral.”<sup>111</sup>. Ele ainda afirma: “a Guerra das Rosas é atualmente um dos momentos mais controversos na história política inglesa”.<sup>112</sup>

Devido a toda sua controvérsia “A guerra das rosas tem sido um problema para historiadores desde o momento que ocorreu”<sup>113</sup>. Segundo David Grummitt, já no século XV historiadores tentavam entender esse período. “Já no terceiro quarto do século XV existiam esforços para analisar e explicar os conflitos sangrentos que tinham dominado a política inglesa nos anos recentes”.<sup>114</sup>

Uma visão recorrentemente presente sobre o período é a violência que no decorrer desse conflito. Mas o que levou a esse conflito, Hicks aponta que esse “Tradicionalmente a Guerra das Rosas é vista como um conflito dinástico que se originou por pretensão rival a coroa de Eduardo III, terceiro filho de João de Gante (casa Lancaster) e seu segundo filho Lionel (da casa Mortimer e York)”.<sup>115</sup>

Mas ao se analisar a fundo esse período, diversos fatores podem ser apontados como causas desse conflito: a ineficiência de Henrique VI, a derrota da Guerra dos Cem anos, diversos nobres poderosos com direito a coroa, o feudalismo bastardo<sup>116</sup>, o crescimento de nobres e seus exércitos de *Retinues*<sup>117</sup>. Além dos fatores apontados, a

---

<sup>111</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. XXIX. (Tradução Livre).

<sup>112</sup> *Ibidem*. p. XXXII.

<sup>113</sup> CARPENTER, Christine. *The Wars of the Roses: Politics and Constitution in England, C. 1437 – 1509*. p. 4. (Tradução Livre).

<sup>114</sup> GRUMMITT, David. *A Short History of the Wars of the Roses*. p. XIII. (Tradução Livre).

<sup>115</sup> HICKS, Michael. *The War of the Roses: 1455 – 1587*. Osprey Publishing. 2003. p. 12. (Tradução Livre).

<sup>116</sup> Feudalismo Bastardo é um modelo de governo medieval proposto por Charles Plummer em 1885 em que a aristocracia presta serviços políticos, domésticos e militares em troca de recursos financeiros.

<sup>117</sup> Comitiva militar que viajavam com os nobres.

crise na exportação de lã após 1450<sup>118</sup> cooperou para mergulhar o reino em uma séria e relativamente duradoura crise econômica que se perpetuou até por volta de 1480.

Todas essas questões são importantes para se entender o que foi esse período. Para isso será feita uma análise das questões de fundo por trás desse conflito.

O final da Idade Média foi um período conturbado para a aristocracia da Inglaterra, com diversos conflitos dinásticos que modificaram o *modus operandi* da política no reino. Após a deposição do último rei Plantageneta, e, sobretudo a partir de meados do século XV, as casas nobiliárquicas, Lancaster e York, funcionaram como catalizadores dos conflitos da sociedade política do reino. Tradicionalmente, a Ascensão dos Tudor em 1485 é considerada pela historiografia tradicional <sup>119</sup>, como uma época de ruptura, contudo, durante era Tudor muitas das práticas de governo já haviam sido ensaiadas, ao menos durante o período York, dentre elas o uso frequente da imprensa como forma de propaganda.

Como dito por Alison Rosemary Allan “Recorrer a propaganda no período medieval era comum, provavelmente mais comum que as fontes sobreviventes indicam”<sup>120</sup>. O termo propaganda, por sua natureza é extremamente amplo. “Fundamentalmente, qualquer um que expresse suas opiniões está propagando seus pontos de vista, geralmente com esperança de converter os outros, portanto, está criando propaganda”<sup>121</sup>. Embora não se possa aferir a forma como certos textos eram apropriados, podemos a partir da análise da crônica levantar algumas hipóteses que serão explicitadas no momento adequado. Mas compreendemos a publicação o texto *The Brut* como uma forma de reforço da memória sobre as origens do reino, logo, de

---

<sup>118</sup> WEBSTER, Bruce. *The Wars of the Roses*. Londres: Routledge, 2005. p. 11. (Tradução Livre).

<sup>119</sup> Entendo como historiografia tradicional os conceitos aceitos tradicionalmente aceitos pelos historiadores do período, nesse caso: Eles colocam a Guerra das Rosas entre os anos de 1455 e 1485, possuindo como ponto final da ascensão de Henrique Tudor ao poder. Autores como Michael Hicks, John A. Wagner, Rosemary Horrox.

<sup>120</sup> ALLAN, Alison Rosemary. *Political Propaganda Employed by The House of York In England In the Mid-Fifteenth Century, 1450-1471*. 1981. p. 2. (Tradução Livre).

<sup>121</sup> *Idem*.

exaltação da monarquia em uma época politicamente conturbada e ao mesmo tempo de oferecer aos presumíveis leitores espelho de conduta em tempos de crise. Falar sobre as origens do reino era algo que tinha amplo interesse, sobretudo entre os membros de alta aristocracia e da gentry, tal como certas listagens sobre a compra de publicações de Caxton permite afirmar<sup>122</sup>. Consideramos, portanto, que:

Mesmo no século XV a influência política – embora não necessariamente consciência política – ainda era socialmente restrita. Tanto as propagandas oficiais ou dissidentes eram focadas primeiramente naquelas cujas opiniões possuíam consequências: nobreza e gentry, e classes comerciais; aqueles com cargos no governo; que lideravam e faziam exércitos, proviam finanças; que geravam taxaço; e mantinham lei e a ordem nas localidades.<sup>123</sup>

As crônicas publicadas no período possuíam como alvo, em princípio, setores mais restritos. Contudo, era bem provável que esses textos alcançassem um público bem mais amplo do que os que de fato os liam, na medida em que a leitura era uma atividade coletiva, normalmente em alta voz, logo, alcançando os que teoricamente não eram capazes de ler determinado texto. Sem falar que a sociedade e os próprios textos escritos eram atravessados por ampla oralidade e bem provavelmente muitas das histórias narradas fossem eventualmente conhecidas pelos ditos iletrados, na medida em que a memória era profundamente oral em muitas camadas da população. Em certo sentido, a “*Memória* unia escrito com transmissão oral, olho com ouvido, e ajuda a

---

<sup>122</sup> Humphrey of Gloucester, John Tiptoft, Edward IV, Sir John Fastolf, a família Paston, entre outros. In: BENNETT, H. S. *Caxton and His Public*. *The Review of English Studies* Vol. 19, No. 74 (Apr. 1943). p. 113-119. (Tradução Livre).

<sup>123</sup> ALLAN, Alisson Rosemary. *Political Propaganda Employed by The House of York In England In the Mid-Fifteenth Century, 1450-1471*. 1981. p.4. (Tradução Livre).

explicar a alta mistura entre oral e literatura nas sociedades medievais”<sup>124</sup>. Os sermões e proclamações públicas eram utilizadas para passar informações para o público iletrado e “É sabido que por muito tempo a publicação de informações durante o período medieval era comumente através de sermões e outras formas orais”<sup>125</sup>. Isso muda no decorrer do século XV com as tipografias e seus impressos. A utilização desses textos como meio de propaganda cresceu no século XV devido ao uso das tipografias que facilitavam a produção em massa de escritos e o uso dos mesmos com fins políticos.

O século XV foi marcado pelas reviravoltas políticas, dentre elas a chamada Guerra das Rosas, denominação apócrifa na medida em que para a grande maioria dos contemporâneos o que existiu foi uma série de eventos e batalhas que não tinham necessariamente ligação entre si. À época a única denominação genérica relativamente usual foi a de “guerra dos primos”, ainda assim para a maior parte das pessoas os conflitos militares tenderam a ser enfocados separadamente. A dinastia Lancaster estava no poder desde o final do século XIV, em 1399, quando Henrique IV (Henrique Bolingbroke) usurpou o trono de seu primo Ricardo II (1377 – 1399). Essa tomada de poder ocorreu, dentre outros motivos, indiretamente por influência da crise social da segunda metade do século XIV.

Neste período, o reino da Inglaterra sofreu as consequências de um grande declínio demográfico, devido à escassez de alimentos e às doenças. “Uma série de verões úmidos e doenças de animais generalizada, 1315-1322, podem ter sido um acidente da natureza, mas em termos malthusianos, seu impacto foi socialmente determinado pela existência de um grande setor de "sensíveis-a-desastres" da população”<sup>126</sup>. Essa escassez de alimentos não significava apenas uma crise no setor

---

<sup>124</sup> CARRUTHERS, Mary. *THE BOOK OF MEMORY: A Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge University Press. 2008. p. 153. (Tradução Livre).

<sup>125</sup> *Ibidem*. p. 198.

<sup>126</sup> RIGBY, S. H. *Introduction: Social structure and economic change in late medieval England*. In: HORROX, Rosemary and ORMROD Mark W. (org). *A SOCIAL HISTORY OF ENGLAND, 1200–1500*. Cambridge University Press. 2006. p. 15. (Tradução Livre).

agrícola, mas, também, representava o sintoma de uma crise generalizada do sistema<sup>127</sup>. Somando a essa crise de alimentos, os surtos cíclicos da peste negra que a partir de 1348-9<sup>128</sup>, de forma mais aguda ou crônica, se prolongaram até fins do século XV e contribuíram para aprofundar os conflitos sociais.

A crise política no reino da Inglaterra se intensificou em fins do século XIV, principalmente, pelas dificuldades causadas pela minoridade do rei, entre os anos de 1367 e 1382, o que minou a autoridade régia<sup>129</sup> que juntamente com a crise social contribuiu também para a crise política. Ricardo assumiu o trono com apenas dez anos e as facções nobiliárquicas disputaram a tutela do rei e o controle das engrenagens e recursos do Estado<sup>130</sup>. Em de 1381 o governo de Ricardo II sofreu também com a chamada grande revolta camponesa, o que de certa forma contribuiu para alargar o fosso entre a sociedade política e o referido monarca.<sup>131</sup>

Historiadores como Christopher Fletcher acreditam que a questão da idade seria um dos principais pontos para a deposição do monarca, pois segundo o autor “Essa associação precoce entre a idade do rei e a causa da reforma do governo trouxe uma série de questões que se mantiveram conflituosas até sua deposição em 1399”<sup>132</sup>. Ricardo chegou ao trono com apenas 10 anos e por ter atuado de forma considerada tirânica, prematuramente com XX anos, e sobretudo por se comportar como alguém de pouca maturidade para os valores da época, a associação desses fatores teria contribuído para a sua queda. Pois como afirma por Fletcher “o sistema político inglês

---

<sup>127</sup> WEBSTER, Bruce. *The Wars of the Roses*. Londres: Routledge, 2005. p. 38. (Tradução Livre).

<sup>128</sup> Cf. BORSCH, Stuart J. *The Black Death in Egypt and England: a comparative study*. University of Texas Press. Austin. 2005. (Tradução Livre).

<sup>129</sup> Cf. FLETCHER, Christopher. *Richard II: manhood, youth, and politics, 1377 – 99*. Oxford University Press. 2008. (Tradução Livre).

<sup>130</sup> *Ibidem.* p. 5.

<sup>131</sup> Cf. HILTON, Rodney. *Bond Men Made Free: Medieval Peasant Movements and the English Rising of 1381*. Routledge. 2003. (Tradução Livre).

<sup>132</sup> FLETCHER, Christopher. *Richard II: manhood, youth, and politics, 1377 – 99*. Oxford University Press. 2008. p. 5. (Tradução Livre).

estava pobremente adaptado para lidar com um rei que subitamente reforçasse sua autoridade formal”<sup>133</sup>.As relações entre crise de autoridade e minoridade em meio ao aprofundamento do conflito intra-aristocrático são importantes para entender a deposição do último Plantageneta por Henrique IV.

Durante a primeira década do reinado de Henrique IV (1399-1409) a monarquia sofreu com rebeliões e contestações, principalmente por membros do País de Gales, região frequentemente insubmissa desde sua conquista definitiva no século XIII. Somente Henrique V (1413 – 1422) conseguiu conter essas rebeliões, obtendo sua principal vitória em Shrewsbury (1403). Entretanto, o trono ainda não estava seguro, sua posição no poder somente ganhou força nos anos seguintes com as suas vitórias na *Guerra dos Cem Anos*.

A legitimação da família Lancaster somente foi consolidada com a ascensão de seu primeiro herdeiro ao trono, Henrique V (1413 – 1422), logo, o referido rei alcançou grande prestígio por meio da vitória contra o reino da França em Agincourt, em 1415, e principalmente, por meio de uma estratégia paulatina de conquistas a partir da Gasconha e da Normandia. Esse processo de legitimação dinástica teve no *Tratado de Troyes* em 1420, um dos elementos fundamentais, nesse tratado Henrique V se tornava oficialmente herdeiro do trono francês. Durante o primeiro reinado de Henrique VI (1422 – 1461), contudo, a monarquia inglesa passou por pesadas derrotas militares no continente, e, por consequência, os Lancasters, sofreram grande desgaste político.

Essas derrotas no continente ocorreram após o período de regência (1422 – 1430) e foram propiciadas, dentre outros fatores, pela minoridade de Henrique, que não era visto como apto a assumir o ofício real e muito menos ainda ao exercício de um dos principais atributos da realeza, a saber, a liderança na guerra. Após assumir o controle do governo, segundo o ponto de vista de Edward Powell, Henrique VI ao contrário de seu pai, Henrique V, não possuía as mesmas habilidades para o governo. Segundo o referido autor:

---

<sup>133</sup> *Ibidem*. p 276.

Ter puxado à sua mãe, em vez de seu pai, foi a tragédia de Henrique VI. Passível, flexível, indeciso e frágil mentalmente, Henrique VI era dominado por aqueles que o rodeavam. Enfrentando esta situação, em casa e fora, necessitava toda habilidade de Henrique V. Henrique VI não demonstrou a menor aptidão para a guerra ou para governo. Seus principais interesses eram espirituais e educacionais – as fundações do colegiado em Eton e em Cambridge e da Universidade Nova de Caen.<sup>134</sup>

Na mesma linha de pensamento de Powell, Horrox também propõe uma suposta ineficiência de Henrique VI: “Durante sua minoridade ele aparentemente demonstrou ânsia pelo poder, mas uma vez que chegou a idade, seu reinado ficou marcado por ineficiência e confusão”<sup>135</sup>, essa falta de habilidade de Henrique VI é apresentada como uma das causas de sua deposição. Durante o governo de Henrique VI, o reino passou por crises econômicas e militares, juntamente a isso houve a perda da Normandia para a França<sup>136</sup>.

Essa década foi um período de uma particular depressão, em alguns aspectos aprofundados pela perda das províncias Inglesas na França. Normandia (definitivamente perdida em 1450) e do Pas-de-Calais (então reduzida a cidade de Calais quase isolada) havia fornecido acesso aos mercados do norte da França e dos Países Baixos

---

<sup>134</sup> POWELL, Edward. Lancastrian England. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 466. (Tradução Livre).

<sup>135</sup> HORROX, Rosemary. *England: Kingship and the Political Community, 1377-c.1500*. In: RIGBY, S. H. *A Companion to Britain in the Later Middle Ages*. Blackwell Publishing Company, 2003. p. 234. (Tradução Livre).

<sup>136</sup> Cf. RIGBY, S. H. *A Companion to Britain in the Later Middle Ages*. Blackwell Publishing Company, 2003. (Tradução Livre).



da Burgúndia, enquanto o comércio do vinho dependia fortemente do acesso às áreas produtoras de vinho de Gasconha (finalmente perdida em 1453). Todas essas perdas reduziam as possibilidades para o comércio inglês e os lucros.<sup>137</sup>

As perdas que aconteceram entre 1440 e 1450 foram atribuídas a inabilidade de Henrique VI que, de acordo com a historiografia<sup>138</sup>, é visto como incompetente para a função de governar. Todavia, consideramos que o sistema de poder está para além do desempenho de bons reis ou de reis incapazes. As relações entre aristocracia e realeza são bem mais complexas, e tomamos as próprias palavras de Horrox em um texto de 2007 como chave de leitura, em particular no que se refere a relação do rei como a aristocracia, pois:

(...) igualmente o rei precisava da nobreza. Eles eram os seus principais assessores, seus comandantes militares, os agentes mais poderosos nas localidades. Seguiu-se, portanto, que não somente cada um necessitava do outro, mas necessitava do outro para ser poderoso. O poder, em outras palavras, não era um recurso finito (como um bolo a ser distribuído entre os convidados em uma festa). A retórica convencional da criação da nobreza do século XV ressaltou que ao conceder a honra (para o qual se pode ler poder) o rei aumentou o seu próprio. Como Eduardo IV sabia que uma nobreza poderosa e obediente aumentaria e não diminuiria o poder da coroa. Igualmente

---

<sup>137</sup> WEBSTER, Bruce. *The Wars of the Roses*. Londres: Routledge, 2005. p. 39. (Tradução Livre).

<sup>138</sup> Historiadores com: Michael Hicks, Rosemary Horrox e John Wagner apontam que durante o reinado de Henrique VI o mesmo não foi capaz de manter um reino próspero e possuiu derrotas militares, juntamente a isso foi afastado do trono por um longo período diverso a problemas de saúde.

um rei ineficaz não era uma oportunidade a ser explorada alegremente pela nobreza, mas seu pesadelo político.<sup>139</sup>

O modelo de governo proposto por Horrox ressalta certos elementos do chamado feudalismo bastardo, mas os interpreta no sentido inverso, pois, põe o acento na interdependência entre os nobres e o rei. A autora propõe uma interpretação em que cada segmento destes grupos governantes precisava do outro para alcançar seus objetivos. O rei precisava de seus nobres como assessores políticos, comandantes militares e em outras funções administrativas. Por sua vez, a aristocracia necessitava dos recursos financeiros gerados por um bom governante. Portanto, um rei que não distribuísse honras e recursos em abundância poderia abrir oportunidade para uma crise política. Mas uma crise política perpetuamente indefinida acabava por ser altamente maléfica para o proveito da aristocracia.<sup>140</sup>

Em 1450 o governo de Henrique VI sofreu uma grande revolta, que pode ser considerada um dos antecedentes que levaram a Guerra das Rosas, a rebelião de Jack Cade<sup>141</sup>.

Angustiado por altos impostos, corrupção de oficiais locais e a recente perda da Normandia, os comuns de Kent, liderados por um

---

<sup>139</sup> HORROX, Rosemary. England: Kingship and the Political Community, 1377-c.1500. In: RIGBY, S. H. *A Companion to Britain in the Later Middle Ages*. Blackwell Publishing Company, 2003. p. 233. (Tradução Livre).

<sup>140</sup> Cf. FERNANDES, Fabiano. Violência, Poder Público e conflitos sociais na crônica do Religioso de Saint-Denis. 1404-1408. In: NEMI, Ana; Néri Barros de; Pinheiro, Baptista Rossana Alves. (Org.). *A construção da narrativa histórica Séculos XIX e XX*. 1ed.CAMPINAS: UNICAMP/FAPUNIFESP, 2014, v., p. 123-141. (Tradução Livre).

<sup>141</sup> Cf. RIGBY, S. H. *Introduction: Social structure and economic change in late medieval England*. In: HORROX, Rosemary and ORMROD Mark W. (org). *A SOCIAL HISTORY OF ENGLAND, 1200–1500*. Cambridge University Press. 2006. p. 92. (Tradução Livre).

homem chamado de Jack (ou John) Cade, levantaram-se em rebelião no verão de 1450. Porque Henrique VI e seus conselheiros suspeitavam que Ricardo Plantageneta, duque de York, tinha instigado o levante, e porque York posteriormente incorporou muitas das queixas rebeldes e seu criticismo ao governo, a revolta de Jack Cade é comumente considerada um prelúdio<sup>142</sup> para a Guerra das Rosas.<sup>143</sup>

A revolta de Cade<sup>144</sup> durou de maio a julho de 1450, mas formou a base para a revolta de Ricardo York, que aconteceria na década posterior “Embora a rebelião tivesse acabado, o nome de Cade continuou a provocar agitação em Kent por quase uma década, e as queixas dos rebeldes viveram como base da oposição de York a um governo real do qual se sentiu excluído.”<sup>145</sup> As queixas feitas por Cade e seus companheiros, foram utilizadas na década seguinte por Ricardo York em suas relações de conflitos com boa parte dos conselheiros reais e com o próprio rei na parte inicial do que se convencionou chamar de guerra das rosas<sup>146</sup>.

A primeira fase dessa guerra acontece entre os anos de 1459 e 1461, embora possamos também afirmar que ela vinha se construindo desde pelo menos 1455. Nesse período Ricardo, Duque de York (1411 – 1460) foi apontado como lorde protetor e regente da coroa nos anos de 1453 e 1454 momentos em que o rei ficou impossibilitado de reinar devido a uma crise de saúde mental. Quando Henrique VI voltou a governar,

---

<sup>142</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p.133. (Tradução Livre).

<sup>143</sup> Cf. CORRÊA, Wesley. *Poyntes, Mischeves And Causes: Percepções Da Crise Política Na Inglaterra Entre A Revolta De Jack Cade E A Guerra Das Rosas C. 1449-1475*. (Tradução Livre).

<sup>144</sup> A revolta de Cade aconteceu em 1450 e foi resultado de queixas locais e preocupações de corrupção e abuso de poder no governo de Henrique VI. (Tradução Livre).

<sup>145</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p 134. (Tradução Livre).

<sup>146</sup> HICKS, Michael. *The Wars of The Roses*. Yale, Yale University Press. 2010. (Tradução Livre).

alguns membros da aristocracia liderados por Ricardo York se rebelaram contra a coroa<sup>147</sup>, pois, acreditavam que, Ricardo era considerado mais eficaz, capaz de governar e de representar os interesses dos que estavam contrariados com o recente desfecho das guerras no continente. Em 22 de maio de 1455. Após essa vitória, Ricardo York, retorna à corte e é nomeado herdeiro de Henrique VI, com isso, Henrique ficou sob a custódia da casa de York, compartilhando na prática o governo do reino com Ricardo. Contudo, essas regências não foram continuas, mas alternadas com períodos em que os conselheiros reais recuperavam sua influência sobre o rei. Entre os anos de 1456 e 1459, o duque de York e os condes de Warwick<sup>148</sup> e Salisbury fizeram uma campanha contra a maioria dos conselheiros do rei, reputados no discurso York como os principais responsáveis pela crise de governo do reino:

York e seus associados, que nunca criticaram Henrique diretamente, e sabiam que a lei de traição também protegia a rainha, nunca criticaram ela em seus pronunciamentos públicos. Agora eles castigavam os condes de Shrewsbury e Wiltshire e o visconde de Beaumon como conselheiros perversos e avarentos que assumiram o papel que antes era ocupado por Suffolk e depois Somerset.<sup>149</sup>

Em julho de 1459 Ricardo e seus aliados são convocados para o conselho em Coventry, mas se recusam a ir e Ricardo é acusado de traição dando início a primeira

---

<sup>147</sup> Ao lado dos Yorks estavam: os Neville, Mowbrays e os Bouchires.

<sup>148</sup> Richard Neville, Conde de Warwick, conhecido pela historiografia como Kingmaker. Warwick foi um dos principais personagens presentes na Guerra das Rosas, sendo inicialmente um dos principais aliados de Eduardo IV o ajudando a chegar ao trono e se mantendo ao seu lado até 1469. Nesse período Warwick se alia a dinastia York para colocar Henrique VI de volta trono, resultando no segundo reinado de Henrique VI que dura 1469 a 1471, forçando Eduardo IV a se exilar na Europa durante esse curto período.

<sup>149</sup> WOLFFE, Bertram. *Henry VI*, Yale, Yale University Press, 316. (Tradução Livre).

fase da Guerra das Rosas. Logo, Ricardo York foi morto durante a batalha de Wakefield (1460) pelo exército da rainha Margaret (1430 – 1482) de Anjou, esposa de Henrique VI. Após esse momento, a casa de York passou a ser liderada pelo filho mais velho Eduardo, conde de La Marche, que na ocasião se tornou o novo duque de York. Após embates o trono foi conquistado por Eduardo e em 3 de março de 1461, Eduardo IV foi aclamado rei em Londres. Entretanto, somente após três semanas seu trono foi assegurado em toda a Inglaterra com a derrota dos Lancaster na batalha de Towton (1461), que é considerada, por vários historiadores, a batalha mais violenta da *Guerra das Rosas*. “[...] na batalha de Towton, o novo rei infligiu uma derrota decisiva sobre os Lancaster”<sup>150</sup>. O falecimento de diversos nobres ligados a casa Lancaster e a fuga de Henrique VI e Margarete de Anjou para a Escócia, deixaram Eduardo IV com o caminho relativamente livre para tomar o trono.

Entre os anos de 1461 e 1469 Eduardo IV se manteve no poder, mesmo existindo certo nível de contestação a implantação da nova dinastia, visto que “Os primeiros anos do reinado viram praticamente apenas envolvimento militares no norte da Inglaterra, onde os Lancasters poderiam pedir apoio Escocês e mais esporadicamente de Gales e outros lugares”<sup>151</sup>.

O segundo momento da guerra das rosas se passa entre os anos de 1469 e 1471. O reinado de Eduardo IV foi interrompido em 30 de outubro de 1470 com a ajuda dos partidários dos Lancaster, principalmente Warwick<sup>152</sup>, que mudou para o lado dos Lancaster (1469) vencendo Eduardo IV na batalha de EdgecotMoor em julho de 1469.

---

<sup>150</sup> POWELL, Edward. *Lancastrian England*. In: ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006. p. 475. (Tradução Livre).

<sup>151</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 229. (Tradução Livre).

<sup>152</sup> Cf. HICKS, Michael. *Warwick the Kingmaker*. Blackwell Publishing Ltd, 1998. (Tradução Livre).

O referido conde Warwick e o duque de Clarence (1449 – 78), irmão do rei<sup>153</sup>, que tinham ajudado Eduardo IV chegar ao poder, mudaram de lado na guerra e usando como motivo a falta de aptidão de Eduardo IV para o governo, logo o mesmo deveria ser deposto<sup>154</sup>. Eduardo IV perde o trono e Henrique VI mantém o trono até maio de 1471 quando foi derrotado na batalha de Tewkesbury (04 de maio de 1471) onde seu filho Eduardo príncipe de Gales (1453 – 1471) falece e Henrique VI é aprisionado e posteriormente executado. Após a retomada do poder, Eduardo IV segue no poder até sua morte, apesar da continuidade de conflitos entre partidários de Lancaster e York.

Durante a Guerra das Rosas a propaganda foi utilizada como forma de agregar aliados, principalmente através de narrativa das vitórias militares. O desenvolvimento da imprensa foi apropriado pelos príncipes em suas disputas. Comumente os relatos de vitórias que enalteciam e glorificavam as ações dos reis e seus aliados eram os focos da propaganda. Podemos citar como exemplos desse processo os poemas feitos no período de Henrique V sobre suas vitórias na disputa pelo reino da França, na década de 1410, textos que legitimaram parcialmente a nova dinastia dos Lancaster. Podemos citar, ainda, o contexto em que Eduardo IV utilizou de crônicas para relatar suas vitórias sobre as tropas leais a Henrique VI, como é o caso das *Chronicles of the rebellion in Lincoln-shire de 1470* e a *History of the arrival in England of Edward IV* de 1471, ambas feitas para enaltecer os feitos de Eduardo IV.<sup>155</sup>

A propaganda também foi utilizada por membros da aristocracia como Warwick, ele utilizou principalmente em dois momentos, em 1460 e 1469:

---

<sup>153</sup> George, Duque de Clarence, era irmão de Eduardo IV. Em 1469 se une aos Lancasters junto com Richard Neville, Conde de Warwick, para poder ser casar com Isabel Neville filha mais velha de Richard Neville. Cf. BRAMLEY, Peter. *A Companion & Guide to the Wars of the Roses*. The History Press.

<sup>154</sup> Durante esse período Richard Neville Conde de Warwick, muda de lado em troca de sua filha mais nova se casar com Eduardo príncipe de Gales filho de Henrique VI.

<sup>155</sup> RADULESCU, Raluca L. *Writing Nation: Shaping Identity in Medieval Historical Narratives*. In: BROWN, Peter. (Org.). *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350–c.1500*. Blackwell Publishing Ltd, 2007. p. 367. (Tradução Livre).

Seu desembarque na Inglaterra em junho 1460, foi acompanhado pela emissão de um manifesto detalhando as opressões perpetradas pelos malignos conselheiros de Henrique VI e justificando ações de Warwick como uma tentativa de corrigir àqueles erros.<sup>156</sup>

No segundo momento Warwick faz uso da propaganda quando muda de lado na guerra.

Warwick usou a mesma técnica contra Eduardo IV em 1469, quando o conde e George Plantageneta, duque de Clarence, lançou um manifesto de Calais, que denunciou as falhas do governo de Eduardo e declarou que a correção desses males era a razão para a tomada de armas contra o rei.<sup>157</sup>

Existe inclusive uma carta entre Warwick e o duque de Clarence, irmão do rei Eduardo IV, em 1470 dizendo que escritos deveriam ser fixados em certos locais, e teria afirmado que “A carta escrita acima, várias cópias devem ser feitas e fixadas em lojas padrões, nas pontes da ponte de Londres, nas portas de igreja de Londres e outros lugares na Inglaterra.”<sup>158</sup> Além disso Warwick utilizou textos escritos com suporte durante a rebelião em Lincoln Shire em 1470. “Expor publicamente documentos era raramente utilizado por oficiais do governo ou autoridades civis, mas provavelmente

---

<sup>156</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses.*, Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2001. p. 217. (Tradução Livre).

<sup>157</sup> *Idem.*

<sup>158</sup> ALLAN, Alisson Rosemary. *Political Propaganda Employed by The House of York In England In the Mid-Fifteenth Century, 1450-1471.* 1981. p. 31. (Tradução Livre).

eram bem-vindos os textos escritos para seu apoio e então disseminados. Podemos tomar ainda como exemplo quando o conde de Warwick foi a Londres durante a rebelião de Lincoln Shire em 1470”<sup>159</sup> Nesses textos o Duque de Clarence e o conde de Warwick colocam as notícias sobre os eventos da época contando seus feitos, fixando essas notícias em diversos locais da cidade. <sup>160</sup>

Nesse momento, o conde Warwick e o duque de Clarence, que tinham ajudado Eduardo IV chegar ao poder, mudaram de lado na guerra e tentavam convencer o resto da aristocracia que Eduardo IV não tinha aptidão para o governo e que deveria ser deposto. O material utilizado era basicamente manuscrito e a proclamação em praça pública era frequente e é sobretudo a partir de 1476 que a utilização de impressos se dissemina.

A utilização das tipografias para a disseminação de panfletos e publicação de determinados livros cumpriu um papel importante na consolidação do segundo reinado de Eduardo de York. Entre os responsáveis por essa disseminação está Willian Caxton, que fez implicitamente e explicitamente contribuiu para a propaganda favorável de Eduardo IV no livro *The Chronicles of England*, algo que é expresso claramente já no prólogo da obra: “(...) eu rezo Deus para que salve & proteja & lhe envie a congratulação do reconhecimento de sua legítima herança, além de contestação & que ele possa reinar em toda plenitude Deus todo poderoso (...)”<sup>161</sup>.

A última fase da guerra segundo Hicks se passa entre 1483 e 1525, começando em 1483 quando Eduardo IV morre repentinamente e seu irmão, o Duque de Gloucester, ascende ao trono mediante golpe retirando a posse do trono de seu sobrinho, e, se declarando rei Ricardo III (6 de julho de 1483). Com essa usurpação e devido aos boatos de assassinato do príncipe herdeiro Eduardo V e seu irmão mais

---

<sup>159</sup> ALLAN, Alison Rosemary. *Political Propaganda Employed by The House of York In England In the Mid-Fifteenth Century, 1450-1471*. 1981. p. 33. (Tradução Livre).

<sup>160</sup> Cf. *Idem*.

<sup>161</sup> “(...) *I pray god saue & keep / & send hym the accomplisshement of the remanau-t of his rightful enheritau-ce beyo~de the see / & that he may regne in them to the plausie*. In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 151. (Tradução Livre).



novo, Ricardo de York, muitos partidários mudam de lado na guerra, tendo em vista que:

(...) a usurpação, que quase imediatamente foi seguida por rumores que Eduardo V e York tinham sido assassinados na torre, levou muitos partidários dos York a se juntarem aos antigos partidários dos Lancaster com o objetivo de derrubar Ricardo em favor de Henrique Tudor, conde de Richmond (...)<sup>162</sup>.

A ascensão dos Tudor está intimamente ligada a consequência da disseminação dos boatos / notícias dessas mortes:

A ascensão de Henrique Tudor, 1483-1487, na qual Eduardo IV morreu jovem, e seu filho Eduardo V foi deposto e morto, provavelmente por seu tio Ricardo III, então Ricardo foi desafiado por Henrique Tudor como um candidato Lancaster, que prometeu casar com a filha de Eduardo IV Elizabeth de York.<sup>163</sup>

O governo de Ricardo III é colocado por historiadores como como o governo mais conturbado do período. “Ricardo III foi o governante mais controverso na história inglesa. Nos cinco séculos desde sua morte, ele foi condenado como tirano e assassino

---

<sup>162</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 229. (Tradução Livre).

<sup>163</sup> BRAMLEY, Peter. *A Companion & Guide to the Wars of the Roses*. The History Press. p.18. (Tradução Livre).

e colocado como um rei bom e forte”<sup>164</sup>. Ele também é apresentado por Hicks como “um bom homem, um bom marido, um bom duque e um bom rei, que tem sido injustamente injustiçado por historiadores pelos últimos quinhentos anos.”<sup>165</sup>. Hicks ainda fala da culpa dos historiadores sobre essa visão sobre Ricardo III. “Trabalhos historiográficos ainda repetem, e ainda amplificam, as acusações de que ele era um usurpador, um tirano e um assassino de crianças inocentes”<sup>166</sup> Em geral, a perpetuação desses boatos se devem sobretudo ao governo Tudor que se utilizou dessas denúncias para legitimar a ascensão ao trono.

Essa controvérsia está ligada as alegações relacionadas ao assassinato de seus sobrinhos, o que fez com vários partidários da família York passassem a apoiar Henrique Tudor, conde de Richmond.

Apesar de Gloucester ter ganhado suporte suficiente em Londres para ser coroado rei como Ricardo III em 6 de julho, a usurpação, foi seguida quase imediatamente pelos rumores que Eduardo V e seu Irmão Ricardo de York foram assassinados na Torre, levou muitos Yorkistas juntarem forças com antigos Lancasters em busca de retirar Ricardo em favor de Henrique Tudor, conde de Richmond, [um dos] o ultimo herdeiro da casa Lancaster.<sup>167</sup>

---

<sup>164</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 230. (Tradução Livre).

<sup>165</sup> HICKS, Michael. *Richard III and his rivals: magnates and their motives in the Wars of the Roses*. The Hambleton Press, 1991, p. 247. (Tradução Livre).

<sup>166</sup> *Idem*.

<sup>167</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 229. Palavras entre colchetes são nossas. (Tradução Livre).

Com apoio de partidários dos Lancaster e de parte dos partidários dos York, Henrique Tudor primo do falecido rei Henrique VI, conquista o reino em 1485 na batalha de Bosworth e após sua chegada ao poder e busca unir as facções Lancaster e York. Apesar de quase a totalidade dos principais membros da dinastia York terem falecido durante a guerra ainda ocorreram contestações ao trono.

Costumava-se argumentar que a Guerra das Rosas teve seu fim na batalha de Bosworth em 1485, e que as conspirações posteriores eram diferentes. (...). Na verdade, as conspirações definharam. Tramas tornaram-se progressivamente menos perigosas, atraindo menos apoios e eram combatidas mais eficientemente, até novas divisões, decorrentes das Reformas, suplantou-as na agenda nacional e internacional.<sup>168</sup>

Durante a Guerra das Rosas as diversas formas de propaganda, entre elas a escrita, possuíram um papel impar em moldar a opinião pública em prol de uma dinastia ou outra. “Durante a Guerra das Rosas, as facções concorrentes emitiram boletins, manifestos e outras declarações para se justificar e difamar seus oponentes – esforços de propaganda destinados a ganhar apoio dentro da Inglaterra como no exterior”<sup>169</sup>. O grande uso da propaganda não teria se afirmado de forma tão contundente sem a disseminação do impresso:

Durante o século XV, um considerável volume de opiniões eram comunicadas em pequenos folhetos ou ‘bills’, um termo que

---

<sup>168</sup> HICKS, Michael. *Essential Histories: The Wars of the Roses 1455 – 1487*. Osprey Publishing Ltd., 2003. p. 91. (Tradução Livre).

<sup>169</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 215. (Tradução Livre).

abrangia vários tipos de curtas crônicas. Essas peças cobriam uma grande variedade de tópicos, políticos, religiosos e comerciais, e eram comumente, mas não necessariamente, subversivo ou difamatório.<sup>170</sup>

Esses documentos eram levados ao público por vários meios, fixados nas portas de igrejas, nos portões das cidades e em outros locais proeminentes, esses documentos também eram copiados e deixados em locais para que pessoas pegassem e lessem.<sup>171</sup> Isso evidencia a importância da escrita na propaganda do período e a importância da escrita na sociedade da época. Perspectiva que se aprofunda com a disseminação da imprensa.

Dentre os documentos e textos publicados no período está o livro *The Chronicles of England*, como falado anteriormente, esse texto foi publicado por William Caxton. Em seu conteúdo esse livro apresenta uma história do reino do reino e a sequência de reis desde a fundação do reino da Inglaterra até 1461. O livro possui características propagandísticas e propunha um modelo de conduta baseado no passado mítico inglês, algo que será aprofundado no próximo capítulo.

---

<sup>170</sup> ALLAN, Alisson Rosemary. *Political Propaganda Employed by The House of York In England In the Mid-Fifteenth Century, 1450-1471*. 1981. p. 31. (Tradução Livre).

<sup>171</sup> C.f. *Ibidem*. 31.

### **3. O Brut, *The Chronicles of England* e a Memória Mítica**

Em 1480 a obra *The Chronicles of England* foi publicada, sendo essa a primeira crônica publicada em inglês, tornando-se assim um marco na história dos livros na Inglaterra. Esse capítulo abordará essa crônica partindo do conjunto de manuscritos que deram origem a ela. Nas análises buscaremos identificar um determinado modelo de conduta que foi baseado na forma como eram lembrados os reis míticos ou não de um passado longínquo.

#### **3.1 O Conjunto Brut e o *The Chronicles of England***

Antes de discutir certos aspectos do *The Chronicles of England*, é necessário falar do conjunto de manuscritos conhecido como *Brut*.

Composto primeiramente em Frances Anglo Normando por volta do final do século treze, a crônica Brut se tornou o mais popular trabalho secular e o mais difundido texto arturiano da baixa Idade Média inglesa: repetidamente expandido, revisado e traduzido e se manteve influente por séculos<sup>172</sup>

---

<sup>172</sup> MARVIN, Julia. *The Oldest Anglo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006. Prefácio.

Sua influência no passado do reino da Inglaterra é inegável, seja por sua relativa popularidade na época, seja por sua importância histórica, sendo a primeira crônica inglesa impressa.

Nas suas diversas formas, o *Brut* dominou a historiografia vernácula na Inglaterra por mais de 200 anos, e seu conteúdo continuou a ser promulgado por muito tempo. William Caxton publicou do *Brut* como *The Chronicles of England* em 1480 e em 1482: foi a primeira crônica em inglês impressa.<sup>173</sup>

O *Brut* marcou a narrativa sobre a história do reino tendo como sua principal ênfase a história da realeza, apresentado um pano de fundo misturando mitos e atos cavaleiresco com questões políticas dos períodos em que foi escrito e reescrito, pois: “[...] as crônicas Brut contém uma prosa histórica da nação Inglesa partindo do primeiro assentamento, combinando elementos históricos, mitológicos e cavaleirescos, e também acomodando narrativas políticas e profecias em prosa.”<sup>174</sup>

O *Brut* é um conjunto de manuscritos ingleses que possui cerca de duzentos e quarenta manuscritos a respeito da história do reino da Inglaterra, além de ser o segundo maior conjunto de manuscritos ingleses a sobreviver através do tempo, perdendo, apenas para a tradução da bíblia feita por Wycliffite. Apesar de ser altamente conhecido, o *Brut*, não se sabe quando suas versões foram públicas e quem escreveu as primeiras versões dessa obra. “Nada certo se sabe sobre a origem, autoria e data do Anglo-Norman Brut. A versão mais antiga é obviamente posterior a 1272, ano que a

---

<sup>173</sup> *Ibidem.* p. 2.

<sup>174</sup> RADULESCU, Raluca L. Writing Nation: Shaping Identity in Medieval Historical Narratives. In: BROWN, Peter. (Org.). *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350–c.1500*. Blackwell Publishing Ltd, 2007. p. 1 (Tradução Livre).

narrativa se conclui”<sup>175</sup> Apesar de não se saber dados como sua autoria, se sabe que foi altamente difundida. “Cerca de 250 manuscritos e treze edições impressas da crônica sobreviveram em várias versões em francês anglo-normando e inglês medieval, como versões posteriores em latim.”<sup>176</sup>. Essa grande difusão da obra possibilitou edições em diversas línguas, e se acredita que a versão em inglês foi escrita entre 1350 e 1380.<sup>177</sup>

Essa crônica, *Brut*, é dividida em três partes, a primeira denominada de *The Anglo-Norman Brut*, a segunda parte chamada *The Latin Brut* e a terceira e última parte de *The Middle English Brut*. Cada parte desse manuscrito recebe o seu nome a partir da língua em que foi escrito.

A primeira parte do texto, *The Anglo-Norman Brut*, inicia-se em um passado mítico no qual o reino teria sido “civilizado” por Brutus, do latim Brut que daria o nome a crônica e o conjunto de manuscritos, possuindo quarenta e nove manuscritos. O historiador Lister M. Matheson através do livro, *Prose: The Brut*, faz uma análise dessa crônica explicando os aspectos de cada parte do texto, o autor evidencia que nessa parte do texto, o *The Anglo-Norman Brut*, são descritos gigantes e outras criaturas míticas que foram derrotadas por Brutus em sua chegada a Britânia. “Brutus e seus companheiros troianos teriam derrotado gigantes nativos e seu líder Gogmagog, e, por conseguinte, teriam colonizado toda a ilha, incluindo Escócia e País de Gales”<sup>178</sup>. Brutus é um personagem constante nos mitos de formação nacional, estando presente outras crônicas de outros reinos que o citam como protagonista de aventuras na Grécia, Gália, Albion e Paris.

---

<sup>175</sup> MARVIN, Julia. *The Oldest Anglo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006. p. 40. (Tradução Livre).

<sup>176</sup> *Ibidem*. p. 1.

<sup>177</sup> MARVIN, Julia. *Arthur Authorized: The Prophecies of the Prose Brut Chronicle*. In: BUSBY, Keith. DALRYMPLE, Roger. *Arthurian Literature XXII*. Boydell & Brewer Ltd. 2005. p. 82. (Tradução Livre).

<sup>178</sup> MATHESON, Lister M. *The prose Brut: the development of a Middle English chronicle*. Tempe, Arizona: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1998. p. 1. (Tradução Livre).

Após a crônica abordar Brutus e seus filhos ela versa sobre os reis míticos britânicos como Leir, Lud, Kembelyn, Coel, Constance, Constantine, Aurilambos, Uther Pendragon e Arthur, além desses reis também são tratados os reis da dinastia normanda e plantageneta. Esses capítulos compreendem a primeira parte do texto, tanto na versão manuscrita do o *Brut*, quanto na versão impressa trabalhada o *The Chronicles of England*, fazendo parte das primeiras trinta páginas da versão de 1480, presente na biblioteca britânica. Para a realização deste trabalho foi utilizado uma versão fac-símile digitalizada juntamente como uma transcrição do texto cujo original, pois este usa como base a escrita gótica.<sup>179</sup>

A segunda parte dos manuscritos é conhecida como *The Latin Brut* que consiste em dezenove manuscritos, além de possuir duas versões, ambas se iniciando 1066, de acordo com Matheson; a primeira versão terminando no ano de 1367 e a segunda seguindo até o ano de 1437. Já a terceira parte dos manuscritos, *The English Brut*, compreende ao período de 1437 a 1461; esta parte é a que contém o maior número de manuscritos que sobreviveram correspondendo ao todo 181 manuscritos medievais e pós-medievais.

O *Brut* sobrevive como resultado da massiva ação de compilar textos, no todo ou em partes, totalizando no mínimo quarenta e nove manuscritos em anglo-normando, quase 180 manuscritos em inglês (incluindo algumas transcrições pós-medievais), e cerca de vinte manuscritos em latim. Essa disseminação foi ainda maior com o título *The Chronicles of England*, o *Brut* se tornou a primeira crônica impressa na Inglaterra, passando por treze edições entre 1480 e 1528.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> A versão digitalizada do *The Chronicles of England* pode ser encontrada no site:  
<http://eebo.chadwyck.com/>

<sup>180</sup> MATHESON, Lister M. *The prose Brut: the development of a Middle English chronicle*. Tempe, Arizona: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1998. p. 8. (Tradução Livre).



Apesar dessas divisões, o *Brut* conta com cinco datas finais, variando as versões de 1333, 1377, 1419, 1430, 1461; por isso ele foi classificado em Common Version e Extended Version.<sup>181</sup> Os manuscritos que terminam em 1461 somente foram considerados parte do *Brut* após a publicação do *The Chronicles of England*. As versões Common Version e Extended Version se diferenciam por alguns manuscritos. A versão estendida (Extended Version) inicia-se com a frase “Algum dia no começo de Albion” e possui como prólogo a crônica *The Short English Metrical Chronicle*.

No período anterior a publicação de Caxton<sup>182</sup> do *The Chronicles of England*, em 1480, o conjunto de manuscritos *Brut* seguia somente até o ano de 1419, após a publicação do livro em 18 de agosto de 1480 uma nova parte foi considerada integrante do conjunto de textos do *Brut* como é mostrado por Matheson. “O grupo final de Versão Comum (CV-1461) inclui uma continuação de 1419-1461 que consideramos ter sido escrita por William Caxton para a sua edição de 1480 do *Brut* como *The Chronicles of England*.”<sup>183</sup> Acredita-se nisso devido a não existência de evidências desta continuação nos textos anteriores dos manuscritos *Brut* propriamente ditos. Alguns historiadores acreditam que esse acréscimo no texto é na verdade em grande parte oriundo da crônica chamada *Polychronicon*<sup>184</sup> de Ranulph Higden; esse uso seria explicado pela proximidade dos textos e pela data de lançamento do *Polychronicon* (1482). É provável que Caxton tenha trabalhado simultaneamente para a impressão dos dois textos.

Além do acréscimo de textos ao conjunto de manuscritos *Brut*, o texto de Caxton traz a inovação de ser o primeiro livro a ser impresso inteiramente em inglês. Matheson mostra que entre os anos de 1502 e 1528 o texto teve sete edições de diversos

---

<sup>181</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>182</sup> Os editores da época, como Caxton, possuíam grande liberdade para editar os textos, podendo cortar ou estender o texto se achassem necessário.

<sup>183</sup> MATHESON, Lister M. *The prose Brut: the development of a Middle English chronicle*. Tempe, Arizona: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1998. p. 7. (Tradução Livre).

<sup>184</sup> Enciclopédia em sete volumes que aborda a história desde a criação até o século XIV.

editores <sup>185</sup>. Outro ponto importante apontado por Matheson é que possivelmente grande parte dos manuscritos se perdeu com o tempo, contudo:

A quantidade de tempo e trabalho direcionado a produção de tal número de manuscritos – sendo que provavelmente grande parte desses não resistiram – deve ter feito do *Brut* onipresente para aqueles engajados no comércio de livros no século quinze<sup>186</sup>

A grande quantidade de edições existente do *Brut* e do *The Chronicles of England* comprova a influência que esse texto possuía no século XV. O trabalho de Caxton em modernizar a língua desse livro e de inserir uma continuação que abordasse questões da época indicam a influência que esse manuscrito possuiu na sociedade e como o livro *The Chronicles of England* iria se tornar um marco para o período.

### **3.2 Por Dentro do *The Chronicles of England***

Seguindo um formato singular com dois tipos principais de capítulos, o primeiro padrão de narrativa presente no *The Chronicles of England*, trata de temas a respeito das mudanças de reinado por meio de transmissão hereditária ou por conquista. Alguns dos capítulos retratam um reinado inteiro, apresentando-os em apenas duas linhas, esse formato é o mais frequente no decorrer da parte inicial do texto. Um exemplo desse formato de capítulo é o trecho sobre o rei Brute Grenesheld: Após a morte do rei Ebranc, reinou Brute Grenesheld seu filho 30 anos, primogênito de Ebranc, reinou bem

---

<sup>185</sup> MATHESON, Lister M. *The prose Brut: the development of a Middle English chronicle*. Tempe, Arizona: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1998. p. 23. (Tradução Livre).

<sup>186</sup> *Ibidem*. p. 9.

e com nobreza. E quando o tempo chegou, ele faleceu e está enterrado em York<sup>187</sup>. Como é possível notar, todo o reinado desse rei é retratado em poucas palavras, seguindo o formato: que destaca o rei anterior, em seguida o novo monarca, a característica do reinado, a morte e onde foi enterrado o rei em questão. Isso também pode ser identificado na narrativa sobre outros reis como Lud. “E após o rei Leyl ter reinado, seu filho Lud Ludibras que fez a cidade de Cantebury e de Winchester e reinou por XII anos, e morreu e está enterrado em Winchester. ”<sup>188</sup>. Essa forma de narrar ocorre também, por exemplo, com relação ao rei Coill:

E após o reinado de Westmer seu filho Coill um homem bom e digno de boas condições e governou bem suas terras e de todos os homens ele teve amor e paz e em seu tempo nunca houve discussão sobre o assunto na Bretanha e ele reinou e foi rei na paz em toda sua vida e quando ele reinou por XI anos ele morreu e está enterrado em York<sup>189</sup>

---

<sup>187</sup> “Of the kynggrenesheld the fyrstson of Ebranc the kyng / Capitulo 8.”

*After the deth of kyngbranc / regned Brute grenesheld his sone XXX yere / that was Ebranks first sone / thaw el e nobly regned / And whantyme came / he dyed / And lyeth at York/”*. In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 7. (Tradução Livre).

<sup>188</sup> ANd after this kyng leyl regned his sone lud ludibras that made the cite of Canterbury and of wynchestre and he reg|ned xij. yere and died and lieth at wynchestre. In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 7. (Tradução Livre).

<sup>189</sup> AFter this kyng westmer regned his sone Coill a goodma~ and a worthy & of good condicions & well gouerned his lande & of all men he had loue & pees & in his tyme was ne+uer kontak debate ne werre in Britaigne & he regned & was kyng in pees all his lyfes tyme & whan he had bene kyng xj. yere he died and lieth at yorke /” . In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 17. (Tradução Livre).

O segundo padrão de narrativa refere-se à exaltação dos feitos de cada rei, tais como vitórias em batalhas, principais feitos/realizações e por fim os casamentos ilustres. Uma especificidade da obra são as referências ao rei Arthur, que possui 16 capítulos em toda o livro<sup>190</sup>. No geral os capítulos que tratam de Artur enfatizam os seus atos de justiça e as vitórias militares, tal como o capítulo em que Arthur luta contra o imperador Romano<sup>191</sup> e o que narra a luta do mesmo contra Mordred<sup>192</sup>.

A publicação do texto *The Chronicles of England* cumpriu o papel de permitir uma maior disseminação de certa construção do passado glorioso do reino, iniciado hipoteticamente com Brutus, pois este é um dos personagens considerados importantes por apresentar raízes na civilização troiana, e esta era considerada como o berço da Inglaterra; além de ser o personagem mais utilizado nessas narrativas. Em um momento de crises políticas e angustias, o texto oferece a possibilidade de conciliação por meio da vinculação dos grupos em disputa a uma memória considerada antiga, na qual a honra, a fidelidade e generosidade centradas nos reis poderiam ser valores para a reconciliação da sociedade política. Brutus aparece ainda em outras crônicas de outros reinos que o citam como protagonista de aventuras na Grécia<sup>193</sup>, Gália, Albion<sup>194</sup> e

---

<sup>190</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 29 a 37.

<sup>191</sup> “*Of the kynges and lordes that comen to helpe kyng Arthur a geynst the emperour / Capitulo, lxxxiiij*” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 34. (Tradução Livre).

<sup>192</sup> “*How mordred the traytour to whome kyng Arthur toke hys land to kepe & his castels / and helde it agyenst hym / Ca / lxxxvij*” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 36. (Tradução Livre).

<sup>193</sup> Como Brutus foi expulso da terra e como se manteve na Grécia. In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 3. (Tradução Livre).

<sup>194</sup> Como a terra da Inglaterra era primeiramente chama de Albion e porque que foi nomeada. In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 1. Pelo livro *The Chronicles of England* o termo Albion surge através de Albyna, primeira filha de um suposto rei chamado Diocleciano, quando casou suas filhas, as mesmas foram maltratadas pelos maridos, após saber do ocorrido ordenou que as mesmas fugissem de barco, após meio ano no mar, quando as mesmas chegaram

Paris. Juntamente com Brutus temos também alusões ao rei Arthur<sup>195</sup> já que também é outro personagem marcante, aparecendo como um exemplo de bom governante e de orgulho para o reino, pois “(...) ainda no final do século XV, Henrique VII cuida para que seu primeiro filho nasça no palácio de Winchester, onde está conservada a Távola Redonda, e o chama de Arthur.”<sup>196</sup>. Essa relação do reinado de Henrique VII (1485 – 1509) com o passado mítico, também, deveu-se ao esforço em projetar na dinastia Tudor a paz, a prosperidade, a justiça e a recuperação dos valores que teriam guiado os reis antigos.

Logo, qual fosse a dinastia reinante existia um modelo que seria desejável para o comportamento de um bom rei, modelo esse que deveria ser calcado nos valores que supostamente guiaram as origens do reino, tal como proposto na edição de Caxton do referido texto. Ao incorporar hipoteticamente esses valores os reis alcançariam maior legitimidade nos meios aristocráticos, que também estavam profundamente desgastados pela competição dinástica e pela guerra civil. Nesse sentido o texto *the Brut* versão Caxton representava tanto a reapropriação de uma narrativa tradicional conhecida ao menos em certos meios, quanto um constructo cultural que visava atuar na sociedade de sua época.

A apresentação de personagens conhecidos evoca uma alegoria em cada um dos seus personagens. Como dito por Hansen “A alegoria diz *b* para significar *a*”<sup>197</sup>, A utilização de personagens míticos tem como objetivo passar uma mensagem para quem lia o texto, a apresentação da características e atitudes de grandes reis do passado busca

---

em uma terra, a filha mais velha chamada Albyna deu o nome dessa terra de Albion em homenagem a seu próprio nome.

<sup>195</sup> “*Of the kynges and lordes that comen to helpe kyng Arthur a geynst the emperour / Capitulo, lxxxiiij*” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 34. (Tradução Livre).

<sup>196</sup> GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981. p. 108.

<sup>197</sup> HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Cia da Letras, 1989. p.1.

mostrar um modelo de conduta que deveria ser seguido. Nessa linha é possível se pensar nas atitudes de Arthur, em certas passagens, tal “Como Arthur derrotou Guylomere que era rei da Irlanda e como os escoceses se tornaram seus homens, capítulo septuagésimo sexto”<sup>198</sup>. Esse ponto demonstra a necessidade da habilidade militar para um rei, além de saber governar seu povo, o rei necessitava ser militarmente hábil tanto para conquistar novos territórios, como para se defender de eventuais invasores.

No decorrer do texto cada um dos reis é apresentado como bons ou maus reis. Durante o século XV, com o fortalecimento dos Estados monárquicos, as exigências para um príncipe ideal ficam mais claras, como apresentado por Guenée. “A exigência do príncipe ideal é de todos os tempos, e as virtudes que dele se esperam são conhecidas através de uma literatura abundantes e continua (...)”<sup>199</sup>. A presença de um rei ideal está presente desde a obra *Brut* “Artur é o rei ideal do *Brut* e sua vida constitui o maior episódio da *Oldest Version*.”<sup>200</sup>

O livro *The Chronicles of England* apresenta em seu conteúdo características de como esses reis deveriam ser e de como a aristocracia deveria, por sua vez, se portar, através de alegorias com os reis do passado. Ao apresentar personagens de uma forma geral míticos a narrativa da crônica propunha um modelo desejável em uma época de crise como a da Guerra das Rosas.

Ao se analisar personagens como Arthur Pendragon, é possível ver uma alegoria de como cada rei deveria se portar, por exemplo como no caso das vitórias militares, tal como no seguinte trecho onde é dito: “Como Artur, que era filho de Uter, foi coroado após a morte de seu pai, e como ele expulsou os Colegryne, saxões e Almayne dessa

---

<sup>198</sup> “How Arthur ouercome Guylomere that was kyng of Irland and how the scottes becomen his men *Capitulo septuagesimosexto*”. IN: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 32. (Tradução Livre).

<sup>199</sup> GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981. p. 114.

<sup>200</sup> MARVIN, Julia. *The Oldest Anlgo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006. p. 11. (Tradução Livre).

terra”<sup>201</sup>. Além disso, a narrativa sugere outras qualidades que um bom rei deveria ter, tal como teriam existido em Arthur. Um rei deveria ser idealmente justo, feroz, valente de corpo e ser bom e cortês para fazer amigos <sup>202</sup> Além dessas características o mesmo é colocado como um grande conquistador “(...) Arthur é incontestavelmente um conquistador. Ele expulsou os saxões, conquista todos territórios em volta, e está próximo de tomar Roma quando a traição de Mordred acontece.<sup>203</sup> Essas caracterizações estabelecem alegoria para a interpretação das atitudes necessárias para um rei ideal.

Essas questões não aparecem apenas ao se estudar Arthur, apesar de esse ser o rei em que todos deveriam se espelhar, na perspectiva do texto, existem outros exemplos de atitudes que devem ser seguidas ou repudiadas nos diversos reis apresentados. Tal como no caso do rei Ebrac<sup>204</sup> que ajuda os bretões a conquistar França. Há também a presença de contra modelos, tal como o caso em que Menprys<sup>205</sup> que assassina o próprio irmão e por isso os lobos logo o matam.

Ao se falar dos reis do passado era proposto um *ethos*<sup>206</sup> para o poder real ou mesmo para a sociedade como um todo e para a aristocracia em particular. No

---

<sup>201</sup> “How Arthur was the sone of Vter was crouned after his fadres deth / & how he drofe Colegryne / and Saxons / & [...] of Almayne oute of this land / Ca. [...]. [...]” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 29. (Tradução Livre).

<sup>202</sup> *WHen Arthur was made kyng of the land he was but yong of age of xv. yere / but he was faire and bolde and doubty of body and to meke folke he was good and courtios and large of spendyng and made hym welbeloued among all men ther that it was nede* In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 30. (Tradução Livre).

<sup>203</sup> MARVIN, Julia. *The Oldest Anlgo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006. p. 11. (Tradução Livre).

<sup>204</sup> *Ibidem*. p. 7.

<sup>205</sup> *Ibidem*. p. 6.

<sup>206</sup> Compreendemos por “*ethos*” de um grupo social como o seu tom, o seu caráter, a sua qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição. O “*ethos*” é a atitude subjacente de determinado grupo social em relação a ele mesmo e em relação a seu mundo. IN: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar editores, 1978. p. 143.

desenvolvimento dos textos serão apresentadas as alegorias presentes no *Brut* e no *The Chronicles of England* e as divergências que ocorrem inter e intra-textos

**Quadro I:** Reis da Antiguidade no *The Chronicles of England*<sup>207</sup>: Da Fundação a Arthur

Rei	Adjetivo	Tradução	Pagina
Menprys	Slowe (o irmão) - Wolues down him al to pyeces	Assassinou (o irmão) Lobos o deixou em pedaço	6
Ebranc	And a Strong man was and a mighty	Ele era forte e corajoso	7
Lely	Whorthy man/& moch byloued of his peeple	Homem digno e muito amado pelo seu povo	7
Blaud	Good man and nygromancer	Bom homem e necromante	7
Reynold	Wyse knight/Nobley gouerned/ Beloued	Sábio cavaleiro/ Nobre governador/ amado	9
Donebayd	Hardy & a fair/ regned wel e whorthely	Duro e justo/ Reinou bem e digno	10
Corbatrus	Good man & whorty	Bom rei e digno	12

<sup>207</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480.



Rei	Adjetivo	Tradução	Página
Guentholen	Man of good condicions & wel beloued	Homem em boas condições e amado	12
Seysel	Wel & whorthy	Bem e digno	12
Kymor	Wew & nobly	Bem e nobremente	12
Morwith	Wykked & so sterne	Perverso e severo	13
Geandobodyan	Honoured the riche & helped the pure	Honrou os ricos e ajudou os pobres	13
Artogaill	Wykked & so sterne	Perverso e severo	13
Hesidur	Good/ king of pyte	Bom/ rei da compaixão	13
Lud	Moche honoured & good folk	Muito honrável e amigável	14
Cassibalan	Good man & moche byloued	Bom homem e muito amado	14
Andragem	Good man & wel guernor the land	Bom homem & bom governador da terra	15
Kymbalyn	Good man	Bom homem	15
Guyder	Good man & whorthy	Bom homem e digno	15
Armager	whorthely	valoroso	16

Rei	Adjetivo	Tradução	Página
Westmer	Good man & whorthy	Bom homem e digno	16
Coyl	Whorthy and of good conditions and wel gouerued	Digno e boas condições e bom governador	17
Lucye	Good man to goo and to al the peple	Bom para deus e para todas pessoas	17
Coill	Gouerned royalme wel and nobely	Governou bem roialmente e nobremente	17
Costance	Regned wld and worthily	Reinou bem e dignamente	18
Octauians	Gouered wel e nobely	Governou bem e nobremente	18
Maximian	Good knyght Strong Emprero cousin	Bom cavaleiro, forte, sobrinho do imperador	19
Aurilambros	Noble kyng & worthy	Nobre rei e merecedor	27
Uter	Regned wel and worthely	Reinou bem e valorosamente	28
Artur	fayre, bolde, doubhty of body, and to make folke he was good and courtoys	Justo, feroz, Valente de corpo e para fazer amigos ele era bom e cortes	29

É possível identificar a partir dos quadros a recorrência em algumas características, principalmente as voltadas para exaltar os feitos de armas e os

comportamentos que tornavam alguém um bom cristão. Entre as características militares se destacam as de conquistador e forte, já para as características cristãs destaca-se o fato de ser bom. Essas características indicam qualidades que em tese seriam desejáveis para se tornar um rei ideal e ser bem-sucedido na construção da imagem régia diante da sociedade da época da edição do texto.

Apesar de ser um bom cristão está frequentemente ligado as características é importante apontar o rei Blaud que aparece tanto quanto um rei bom como um necromante, essa questão pode ser explicada por ele ser de um período anterior ao cristianismo no reino e sendo assim algumas características cristãs não serem necessariamente obrigatórias para ele ser considerado um bom rei. Mas o contexto de edição da crônica é justamente de uma época de crise, tal como explicitado no capítulo dois. O texto também se refere aos reis do passado mais recente.

### Quadro II: Reis da Crise Dinástica

Rei	Adjetivo	Tradução	Página
Henry IV	Whorthy, renamme, whory manhode	Digno, renome, digna hombridade	127
Henry V	Whorty king, gracious man, great conquerour	Rei digno, homem gracioso, grande conquistador	131
Henry VI	childe	Criança	137
Edward IV	Rightful enheritaunce	Verdadeiro Herdeiro	151

As narrativas sobre Henrique VI enfatizam a penas o período em que o mesmo sendo menor foi tutelado por seus tios., pois é dito que “Após o reinado de Henrique V, Henrique seu filho era uma criança e sem idade e seu reino iniciou no primeiro dia de setembro do ano 1422”<sup>208</sup>. De uma maneira geral o nome de Henrique VI permanece subentendido no texto como alguém que jamais deveria ter sido rei.

A apresentação de reis mais facilmente conhecidos evoca uma alegoria em cada um dos seus personagens. Como dito por Hansen “A alegoria diz *b* para significa *a*”<sup>209</sup>, A narrativa sobre os personagens tem também como objetivo passar uma mensagem para quem lia o texto. No decorrer do texto personagens como rei Arthur são colocados juntamente com suas características, como mostrado na tabela acima. Arthur é colocado *como fayre, bolde, doubhty of body, and to make folke he was good and courtoys*, Maximian<sup>210</sup> como *Good knyght Strong*, Westme<sup>211</sup>r como *Good man & Whorthy*. A apresentação de supostas atitudes dos personagens narrados faz parte de uma proposta para os setores que teriam acesso a obra, de forma direta e indireta, principalmente a aristocracia. O texto da crônica propõe também um modelo de conduta para os reis, em especial, e para todos os leitores do texto em geral.

Essa questão aparece até mesmo em reis mais próximos cronologicamente como é o caso de Henrique V, que é apresentado como *Whorty king, gracious man, great e conquerour*. Através da alegoria dessas atitudes não estava apenas apresentado como esses reis se portavam, mas também, como era a atitude correta que deveria guiar os leitores.

Ao se pensar nos reis próximos a publicação da obra estão presentes características como dignidade, hombridade para Henrique IV; digno, conquistador e

---

<sup>208</sup> *AFTER kyng henry the v. regned henry his sone but a child & not fully a yere olde whos regne bega~ the first day of sep+te~bre the yere of oure lord M.cccc.xxij.* In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 137. (Tradução Livre).

<sup>209</sup> HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Cia da Letras, 1989. p.1.

<sup>210</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 16.

<sup>211</sup> *Ibidem*. p. 19.

gracioso para Henrique V; e verdadeiro herdeiro para Eduardo IV. Em contrapartida está vinculado a Henrique VI a ideia de incapacidade, já que a única menção explícita no plano dos valores é o fato de ter sido menor de idade quando assumiu o trono. Está implícito que o mesmo permaneceu supostamente como incapaz na condução do governo do reino, logo, que o mesmo foi justamente destronado.

. É importante ressaltar que o reinado de Henrique VI estava marcado pela bancarrota econômica e pela derrota militar. Em certa medida, Henrique VI é o contra-modelo do que seria um bom rei.

Ao se falar dos reis do passado próximo ou distante era proposto um *ethos*, como já dito anteriormente, cada rei possui uma característica que naquele momento era considerada necessária para o atual monarca. É possível indicar a partir do quadro que algumas das principais características era ser forte, conquistador e bom. Os dois primeiros adjetivos são facilmente identificados no momento político que a Inglaterra vivia, já que em 1453 o reino havia perdido o que hoje é conhecido como Guerra dos Cem Anos e juntamente com isso o território da Normandia. Sendo esse também um dos motivos que levou a Guerra das Rosas, já que essa derrota foi atribuída a Henrique VI, um dos protagonistas desse conflito dinástico. Em contrapartida a esse monarca se encontrava Eduardo IV. “Invicto em batalha, ele possuía uma considerável reputação como líder militar, e sua corte era renomada pela Europa por sua riqueza e glamour.”<sup>212</sup> Essa diferença entre as características militares entre Henrique VI e Eduardo IV são um dos pontos mais importantes para um monarca do período, um rei deveria ser capaz de defender seus territórios e ainda conquistar outros.

O outro ponto apresentado repetidamente é ser bom, a questão de ser um bom rei é extremamente importante no período. Um bom rei é aquele que conduz a Commonwealth de forma correta. Como mostra Hughes: “O século XV foi uma época em que realeza significava mais que um governo efetivo e gestão da classe dominante. O monarca era o foco de mitos, e projeções nas quais existia uma identificação próxima

---

<sup>212</sup> HUGHES, Jonathan. *Arthurian Myths and Alchemy. The Kingship of Edward IV*. Sutton Publishing, 2002. p. 1. (Tradução Livre).

entre a energia e saúde do monarca com o bem-estar do seu povo”<sup>213</sup> Um bom rei traz prosperidade e paz ao reino, nesse caso Henrique VI juntando as derrotas militares possuía supostamente a inabilidade de governar, dentre outras coisas pela fragilidade de sua saúde mental na parte final da vida.

A narrativa sobre os reis do passado não era apenas a explicitação de uma trama de um tempo longínquo, uma atitude saudosista, o que era buscado nos textos eram valores para conduzir os homens nas angústias do presente.

### **3.3 *The Chronicles of England* e a Memória Mítica**

No decorrer do livro *The Chronicles of England*, a história do reino é apresentada através de uma linha cronológica partindo da fundação do reino e seguindo até próximo da publicação do livro. Durante essa história é apresentado personagens conhecidos do reino, principalmente reis e nobres e momentos históricos presentes no imaginário do leitor. Por esses personagens e momentos estarem presentes no imaginário do leitor vindos de outras fontes, o livro, e a história presente nele, cria uma relação das vivências pessoais dos leitores com a obra e a versão da história do reino que é apresentada na obra.

Essa conexão entre a memória pessoal, em outras palavras, acontecimentos do qual o leitor fez parte ou tem conhecimento em primeira mão e os acontecimentos que o leitor reconhece através de suas vivências e relações pessoais contribuem para o reforço do enquadramento de certa memória. Pollack apresenta esses dois pontos como elementos construtivos da memória:

---

<sup>213</sup> HUGHES, Jonathan. *Arthurian Myths and Alchemy. The Kingship of Edward IV*. Sutton Publishing, 2002. p. 1. (Tradução Livre).

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.<sup>214</sup>

Além de acontecimentos a presença de membros conhecidos pela sociedade faz com que se crie um vínculo entre a memória proposta pela crônica e a dos leitores:

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas*, *personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa<sup>215</sup>

As crônicas escolhidas se utilizam de personagens conhecidos, membros da realeza, para criar uma afinidade entres os leitores, propondo uma memória coletiva<sup>216</sup> para eles, como narrado no *The Chronicles of England* "Como o bom duque de

---

<sup>214</sup> POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992. p. 2.

<sup>215</sup> Ibidem. p. 2.

<sup>216</sup> A memória coletiva é uma memória pertencente a um grupo, por mais que um membro não tenha presenciado o evento propriamente dito, ele se encaixa por tabela por pertencer ao grupo que presenciou o momento se sente contemplado por ela.

Gloucester Homfrey, tio do rei, foi preso no parlamento de bury/ e sua morte/”<sup>217</sup>. Esse trecho retrata a prisão e execução do duque de Gloucester, que possuiu o protetorado do reino durante a menoridade de Henrique VI. No momento em que Caxton atribui o termo “bom” para o duque, juntamente com sua prisão e assassinato, principalmente por ele ter governo do reino durante a minoridade de Henrique VI, demonstra opiniões políticas de Caxton ao retratar esse acontecimento. Juntamente a isso, a prisão e execução de um alto membro da aristocracia que liderou o reino, propõem uma determinada memória para os leitores. Entre os momentos escolhidos a serem retratados está a vitória de Saint-Albans, na qual Ricardo York é vitorioso contra o rei em 1455.

(...) e veio a Saint Albans no dia XXIIJ de maio / onde se encontraram com o rei / a quem o rei mandou certos senhores / e desejava manter a paz e partiu / mas em conclusão enquanto o tratado era assinado de um lado / o conde de Warwick entrou com seus homens marchando do outro lado da cidade / & lutaram contra os companheiros do rei / e assim começa a batalha & a luta / que durou um bom tempo / mas em conclusão o duque de York obteve e teve a vitória daquela jornada / na qual foi morto o duque de Sumerset, o conde *de* Northumberland / o lorde Clyfford e muitos outros cavaleiros e escudeiros, e muitos feridos.<sup>218</sup>

---

<sup>217</sup> “How the good duke of Gloucestre humfrey the kynges vncler was arested at the parlament of bury / and his deth.” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 144. (Tradução Livre).

<sup>218</sup> “(...) & come to seynt Albons the xxiiij day of may / & there mett with the kyng / to whome the kyng sent certeyn lordes / and desired hem to kepe the pees & departed / but in conclusion whiles they trea ted on that one side / the erle of warre wyk with the marche men and other entred the toun on that othir / & fought ayenst the kyng and his partye / and so bygam the bataylle & fyghtyng / which en dured a good whyle / but in conclusion the duk of york obteyned & had the vycorye of that iourneye / in whiche was slayn the du ke of somersete, therle of Northumberlond / the lord Clyfford and many knyghtes & squyers, and many mo hurt.” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 144. (Tradução Livre).



A escolha de Caxton para retratar a batalha de St. Albans (1455) indica algumas características do livro, em primeiro lugar a escolha de uma vitória York na Guerra das Rosas, nesse caso a primeira vitória da casa York, na qual Henrique VI é capturado e se inicia o protetorado de Ricardo de York. O segundo ponto é a utilização de uma memória recente a publicação do *The Chronicles of England*, uma vez que essa batalha ocorreu apenas 25 anos antes da publicação da obra, sendo assim, fazia parte da memória de diversos leitores do texto. Lembramos aqui que a última parte do texto foi em boa parte redigida pelo próprio Caxton.

A utilização do passado recente na crônica aparece em diversos momentos, como quando é apresentado como o duque de York sai em marcha em Gales: “No ano xxx. O duque de york sai da Marcha de Gales com o conde de Devonshire e o senhor de Cobham e a força de confiança para a reforma de certas injúrias e erros”<sup>219</sup>. Essa questão também é apresentada em outro momento: “E, quando o rei trouxe consigo o duque de Suffolk / E, quando a comuna, compreendeu que ele estava fora de turnê, desejavam executar quem era a causa da libertação de Normandia e tinha sido causa da morte do duque de Gloucester”<sup>220</sup>. Essa utilização de personagens e momentos conhecidos por membros da sociedade, sendo que esse acontecimento não precisa ter sido vivenciado diretamente pelo leitor, cria uma relação entre os leitores e essa memória, fazendo indiretamente com que eles se sintam contemplados por essas histórias.

As questões como eventos e personagens fazem parte dos marcos da memória, como apresentado por Pollack. “Se destacamos essa característica flutuante, mutável,

---

<sup>219</sup> “IN the yere xxx. The duke of yorke came oute of the marche of walys with the erle of deuenshire & the lord Cobham & grete puissau~ce for reformacion of certay Iniuries & wron+ges” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 159. (Tradução Livre).

<sup>220</sup> “And thidder the kyng brought with hym the duke of suf+folke / And whan the commune hous vnderstode that he was oute of the tour and comen thidder they desired to haue execucion on them that were cause of the deliuerance of Normandie and had ben cau+se of the dethe of the duke of Gloucestre” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 158. (Tradução Livre).

da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.”<sup>221</sup>

As memórias, sejam essas individuais ou coletivas, são construídas a partir da seleção de uma das visões concorrentes que em boa parte já existiam sobre dos acontecimentos passados, sendo assim, a memória é formada por recordações, mas também é formada a partir das questões que são esquecidas. Como é mostrado por Candau.

A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (sabes, crenças, sensações, sentimentos etc.). A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.<sup>222</sup>

A lembrança e o esquecimento de um determinado passado possuem em sua essência as questões presentes no momento em que estão sendo relembrada, sendo que “(...) a história de grande circulação é sensível às estratégias com que o presente torna funcional a investida do passado e considera totalmente legítimo pô-lo em evidência”<sup>223</sup>. A construção de uma memória não tem como objetivo apenas de lembrar o passado, criar nostalgia, mas sim possui uma utilidade para aqueles que propõem essa memória. Como apresentado por Joel Candau: “Exemplos não faltam

---

<sup>221</sup> POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992. p. 2.

<sup>222</sup> CANDAU, Joël. *Memória e Identidade: do indivíduo às retóricas holistas*. in *Memória e Identidade*. SP: Contexto, 2014. p. 23.

<sup>223</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Cia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007. p. 13.

para mostrar que, de maneira constantemente renovada, os indivíduos percebem-se – imaginam-se como diria Benedict Anderson – membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo (...)”<sup>224</sup>. Essas representações rememorativas diversas vezes são construídas através da imprensa e da literatura.

Podemos encontrar na imprensa ou ainda na literatura de valorização do patrimônio inúmeros exemplos desses enunciados evocando a “memória coletiva” de uma aldeia ou cidade, de uma região. De uma província etc., enunciados que geralmente apanham a valorização de uma identidade local.<sup>225</sup>

No caso dos objetos estudados, o *Brut* e o *The Chronicles of England*, essa representação do passado, veio a partir da literatura com as crônicas, que propõe uma memória coletiva que começa em um passado antigo, que pode ser mítico, que segue até o momento em que as crônicas foram publicadas no final do século XV

O livro *The Chronicles of England*, relaciona da Inglaterra e seus monarcas com a queda de Tróia, com início em Brutus, descendente de Enéas um herói troiano, que conquista o reino inglês derrotando os gigantes que viviam no local. Como pode ser identificado na última página do livro *The Chronicles of England*, onde existe uma declaração para o monarca Eduardo IV, rei que estava no trono inglês no momento em que o livro foi lançado e com quem Caxton possuía ligações como mostrado no capítulo anterior. Uma afirmação análoga sobre Eduardo IV pode ser identificada também no *Polychronicon* “(...) O conde de March Eduardo, por graça de Deus, filho mais velho de Ricardo duque de York como legítimo herdeiro e seguinte a herdar do seu pai / no

---

<sup>224</sup> CANDAU, Joël. *Memória e Identidade: do indivíduo às retóricas holistas*. In: *Memória e Identidade*. SP: Contexto, 2014. p. 25.

<sup>225</sup> *Idem*.

quarto dia de março do ano de nosso senhor LIX tomo posso do Reino da Inglaterra no grande hall de Westminster”<sup>226</sup>. A apresentação do rei Eduardo IV no capítulo final de ambas as crônicas insere esse monarca como membro de uma longa linhagem de reis, essa representação de Eduardo IV, o coloca como parte de uma memória oficial do reino e também funciona como meio de legitimar a conquista da coroa por esse rei.

Além da questão legitimadora através da proposição de uma memória para a coletividade, a narrativa da crônica também é utilizada como um possível modelo de conduta para a aristocracia, principalmente após Guerra das Rosas. Esse modelo de conduta, apresentado através das características e atos de cada rei, principalmente Arthur, ofereceria assim as bases para a formação de um novo *ethos*<sup>227</sup> -*expressamente baseado em um passado idealizado*- para a sociedade que estava ainda abalada pela recente guerra civil.

Nas crônicas e conseqüentemente nessa proposta de memória Caxton buscou evidenciar por meio de sua narrativa quais seriam os atributos desejáveis para o rei ideal exercer plenamente o seu ofício, para Bernard Guenée essa exigência aparece no decorrer de toda Idade Média: “A exigência do príncipe ideal é de todos os tempos, e as virtudes que dele se esperam são conhecidas através de uma literatura abundantes e continua (...)”<sup>228</sup> No decorrer do *The Chronicles of England*, Caxton discute quais seriam bons e maus reis, atribuindo adjetivos que qualificavam ou desqualificavam determinado personagem e/ou episódio narrado. Entre esses adjetivos destacam-se:

---

<sup>226</sup> “the erle of marche Edward by the grace of god oldest sone of Rychard duke of yorke as ryghtful heyr and next enherytour to his fader / the fourth day of marche the yere of oure lorde Lix toke possession of the Royamme of Englond at westmynstre in the grete halle.” In: HIGDEN, Ranulf. *Polychronicon*. Westminster: William Caxton, 1482. p. 381. (Tradução Livre).

<sup>227</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar editores, 1978, p.143.

<sup>228</sup> GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981. p. 114.

Whorthy (Digno)<sup>229</sup>, Strong (Forte)<sup>230</sup>, Mighty (Poderoso)<sup>231</sup>, Byloued (Amado)<sup>232</sup>, Good (Bom)<sup>233</sup>, Wyse (Sábio)<sup>234</sup>, Nobley gouerned (Governou nobremente)<sup>235</sup>, comumente utilizados para ressaltar as qualidades de cada rei, tendo como modelo de perfeição o mítico rei Artur.

A associação implícita entre os reis do passado e os reis contemporâneos à publicação do livro estava no centro das preocupações de Caxton, e, possivelmente, alcançava ressonância nos setores governantes do reino. Em um momento de crise dinástica e guerras civis era desejável consolidar a imagem de um rei justo, bom, sábio e que governasse nobremente, sendo a bondade uma das principais características que deveriam guiar a conduta de um rei. Tal como no caso do rei Blaud, que apesar de ser considerado necromante (*nygromancer*)<sup>236</sup>, e isto não ser exatamente louvável, também possuía outras qualidades que eram apreciadas. Logo, a sua qualidade como um homem bom (*good man*) era preponderante na avaliação do refundidor, sendo um bom homem aquele que teria condições de zelar pelo bem comum e fazer o reino prosperar. Mas, foi, sobretudo, calcado na memória mítica de Artur que foi construído o “compasso” que deveria medir os reis da época. Pois:

(...) a visão prevalente da carreira de Artur no século permaneceu a de Geoffrey of Monmouth, mediada através da prosa vernácula ou Bruts, na qual Artur era carismático, energético e um rei efetivo,

---

<sup>229</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 7, 10, 12, 16, 17, 18, 26 e 27.

<sup>230</sup> *Ibidem*, p. 7 e 19.

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>232</sup> *Ibidem*, p. 7, 9, 12 e 14.

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 7, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19 e 29.

<sup>234</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>235</sup> *Ibidem*, p. 9 e 17.

<sup>236</sup> *Ibidem*, p. 7.

conquistando extensos domínios com o apoio de seu leal Cavaleiro Gawian até ser derrotado por seu sobrinho usurpador Mordred.<sup>237</sup>

Ao colocar o foco do rei ideal em Artur, é possível ver as características ideais propostas no *The Chronicles of England*, como: justiça (fayre), valentia (doubhty) e cortesão (courtoys). Seguindo a forma da crônica, Artur aparece após o reinado de seu pai e logo no primeiro parágrafo já recebe essas características<sup>123</sup>. Já no mesmo capítulo apresenta vitórias militares do novo rei. “Como Artur, que era filho de Uter, foi coroado após a morte de seu pai, e como ele expulsou os Colegryne, saxões e Almayne dessa terra”<sup>238</sup>. Nos capítulos seguintes, retratam o reinado do mesmo, mostrando, principalmente suas vitórias militares<sup>239</sup> e as suas relações com o império romano.<sup>240</sup>

No livro *Polychronicon* Arthur é mostrado como um grande guerreiro, mostrando mais uma característica necessária para um bom governante. “(...)arthur o guerreiro começou a ter ascensão com dezoito anos de idade ele lutou em doze cidades contra os Saxões e obteve a vitória”<sup>241</sup>. A representação de um rei como um guerreiro e colocando esse guerreiro como alguém que conquistou várias vitórias, indica a

---

<sup>237</sup> WINDEATT, Barry. *The fifteenth-century Arthur*. In: ARCHIBALD, Elizabeth e PUTTER, Ad. (Orgs). *The Cambridge Companion to the Arthurian Legend*. Nova York: Cambridge University Press, 2009. p. 85. (Tradução Livre).

<sup>238</sup> *How Arthur was the sone of Vter was crouned after his fadres deth / & how he drofe Colegryne / and Saxons / & [...] of Almayne oute of this land / Ca. [...] [...]”* In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 29. (Tradução Livre).

<sup>239</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 30, 32,33, 35, 36 e 37.

<sup>240</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 34, 35 e 36.

<sup>241</sup> “*arthur the warriour bygan for taryse as it were eyghten yere old He faught twelue sithes ayenst the saxons and hadde the vyc|torye-*” In: HIGDEN, Ranulf. *Polychronicon*. Westminster. 1480. p. 230. (Tradução Livre).

importância desse aspecto na perspectiva da aristocracia em finais da Idade média, sendo a habilidade como combatente e líder militar extremamente necessária para um rei.

Os reis da antiguidade em geral possuíam características que eram consideradas, necessárias para governar o reino. Essa necessidade de encontrar um rei ideal era constante no imaginário da época aparecendo em vários outros textos, como sugere Raluca L. Radulescu “O desenvolvimento de profecia e genealogia ao lado de crônicas em vernáculo, aponta para uma consciência entre os leitores e escritores da necessidade de definir, discutir e interpretar os acontecimentos históricos e o problema da sucessão real”<sup>242</sup>. As obras desse tipo buscavam através dos reis do passado questões apresentar soluções para os problemas políticos da época. Durante a leitura dos textos, ao conhecer as atitudes de reis como Arthur que era um exímio líder militar, os leitores faziam relação com a necessidade de um rei com essa habilidade.

Essa questão está presente desde a obra *Brut*, no caso dessa obra Artur é feito como uma versão ideal de Eduardo I “Que Arthur é tanto um exemplo para e uma versão ideal de Eduardo I se torna claro no retrato do *Brut* da luta de Arthur contra o imperador romano Lucies”<sup>243</sup>. Durante o *The Chronicles of Enland*, Henrique VI aparece apenas como uma criança e é colocado como uma das causas da Guerra das Rosas, decido a derrota militar para a França.

A derrota na Guerra dos Cem anos é um ponto primordial para se entender a Guerra das Rosas e os motivos que levaram a deposição de Henrique VI. Além da questão militar existe a questão da diferença de personalidade enquanto Arthur é colocado como uma figura amistosa rodeado de amigos, Henrique VI é relatado imerso em colapsos nervosos em que não falava, nem reconhecia ninguém “Ele não mostrou nenhuma das características dos frenesins da doença de seu avô, mas nem reconheceu

---

<sup>242</sup> RADULESCU, Raluca L. Writing Nation: Shaping Identity in Medieval Historical Narratives. In: BROWN, Peter. (Org.). *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350–c.1500*. Blackwell Publishing Ltd, 2007. p. 362. (Tradução Livre).

<sup>243</sup> MARVIN, Julia. *The Oldest Anlgo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006. p. 11. (Tradução Livre).

nem entendia ninguém ou nada”<sup>244</sup>. Durante esse colapso se manteve excluído por cerca de dezessete meses “Ele se manteve prostrado pelos próximos dezessete meses, onde se manteve em isolamento, principalmente no castelo de Windsor.”<sup>245</sup> Essa questão busca evidenciar a inabilidade social e política de Henrique VI juntamente com a sua suposta fraqueza, uma característica oposta a força presente nos reis míticos.

A questão da legitimação dos york está intimamente ligada a construção de memória presente na narrativa da crônica. Algo particularmente evidente nas congratulações a Eduardo IV feitas no final de ambas as obras analisadas. E:

(...) O duque de York veio da Irlanda com o conde de Rutland cavalgando com grande companhia para o palácio de Westminster / & e tomou o castelo do rei / e tomou o lugar do rei / e clamou a coroa por sua devida herança e direito / & e elencou seu título em escrita / & e como ele era o verdadeiro herdeiro. <sup>246</sup>

Além dessa passagem, no livro *The Chronicles of England*, também apresenta vitórias dos Yorks contra seus principais opositores os Lancaster. A primeira batalha retratada foi a de St. Albans, essa batalha é tratada nos capítulos: Sobre o campo que o duque de York pegou em Brentneth em Kent/ e sobre o nascimento do príncipe Eduardo/ E sobre a primeira batalha em Saint Albions onde o duque de Somers [...] foi

---

<sup>244</sup> WAGNER, John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001. p. 113. (Tradução Livre).

<sup>245</sup> GRIFFITHS, Ralph A. *The Reign of King Henry VI: The exercise of royal authority, 1422-1461*. University of California Press. 1981. p. 715. (Tradução Livre).

<sup>246</sup> “(...) the duk of York come oute of Irland with the erle [...] Rutland rydyng with grete felauship in to the palays at wes[...]mynstre / & toke the kynges palays / and ther toke the kynges place / and claymed thr croun as his proper [...]he rytance & right / & caste forth in wrytyng his tytyle / & also how he was rightful heyr” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 151. (Tradução Livre).



morto, Ca° CC. Ivj<sup>o247</sup>. Ocorrida em 22 de maio de 1455 esta foi a primeira batalha da Guerra das Rosas; com a vitória de Ricardo York que no mesmo ano havia sido expulso do reino por Henrique VI, gerou com ela o seu retorno à corte e a sua nomeação como herdeiro de Henrique VI. Além disso a morte de um membro da dinastia York é retratada com grande pesar. “Como o nobre duque de York é morto e sobre o campo de WakeField e sobre a segunda jornada da Rainha e o príncipe a Saint Albons/ Cap. CC / lxij”<sup>248</sup>. Ao retratar membros da família York na principal crônica da época busca-se reforçar as relações entre esses personagens e os respectivos leitores.

A literatura é um forte evocador da memória coletiva, como colocado por Candau, as crônicas medievais tinham uma característica impar para essa construção de memória. Essa questão acontece principalmente por misturar mitos e detalhes históricos como apresentado por Radulescu ao falar da construção de uma crônica e as características que as crônicas possuíam. “Uma mistura de épico, mito, romance, detalhes históricos, profecias e posteriormente de propaganda política, a escrita histórica na idade média tardia engaja temas de grande importância no processo de formação da identidade nacional”<sup>249</sup>. Ao misturar esses gêneros com fatos históricos cria uma proximidade dos leitores com as obras, influenciando na rememoração dessas questões como parte da vida dos leitores e os ligando a essas memórias.

A construção de uma memória coletiva é um dos pontos principais para a criação de um Estado e para legitimar os representantes do mesmo. A utilização de locais, eventos e personagens comuns a maioria da população cria uma memória

---

<sup>247</sup> “Of the feld that the duk of York toke at brentheth in kent/ and of the byrthe of prince Edward/ And of the first batayl at saynt Albions’ where the duk of Somer[...] was slayne, Ca° CC. Ivj<sup>o</sup>” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster. 1480, p. 148. (Tradução Livre).

<sup>248</sup> “How the noble duke of york was slayne / and of the feld of wake feld / And of the seconde Journeye at saynt Albons by the Quene and prynce / Cao. , CC / lxij /” In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 151. (Tradução Livre).

<sup>249</sup> RADULESCU, Raluca L. Writing Nation: Shaping Identity in Medieval Historical Narratives. In: BROWN, Peter. (Org.). *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350–c.1500*. Blackwell Publishing Ltd, 2007. p. 358. (Tradução Livre).

comum para todos os membros dessa sociedade, que se sentem incluídos como parte reino, ao menos para os grupos com acesso direto ou indireto a esse tipo de literatura. Essa memória coletiva possuiu característica impar para os membros da aristocracia nesse período, já que, as relações entre os membros dessa classe estavam desgastadas devido à crise dinástica e a guerra civil que ocorreram no decorrer no século XV.

O Brut e o *The Chronicles of England* possui como uma de suas principais características fazer uma relação entre os reis ingleses da antiguidade com os contemporâneos as suas edições. “O Brut forneceu um relato convincente do passado britânico e Inglês, em que não só disse aos seus leitores e ouvintes as histórias de grandes homens como Brut e Arthur, mas ligando esses homens até o presente pela linhagem e analogia”<sup>250</sup>

Essa relação entre os reis do passado e os reis do presente estão no cerne dessa obra, reforçando ligação dos leitores com determinada perspectiva da história reino, na qual o comportamento dos membros da família York é sutilmente apresentado como análogo aos bons reis do passado.

---

<sup>250</sup> MARVIN, Julia. *The Oldest Anglo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006. p. 3.

## Conclusão

No decorrer dessa dissertação, diversos temas foram abordados com o objetivo de estudar o papel das crônicas na construção de uma memória e um modelo de conduta. Entre os assuntos abordados estão: a transição de uma cultura oral para uma cultura em que a escrita tem maior importância, o nascimento das tipográficas, juntamente com os materiais necessários para a construção das prensas tipográficas e os patrocínios nos trabalhos impressos nas primeiras décadas do mercado de livros impressos.

Em um primeiro momento, discutimos como a sociedade europeia passou de uma sociedade cuja a oralidade estava nos mais altos âmbitos da sociedade, passando pela transição a partir do século XII em que os aportes escritos começaram a fazer parte do cotidiano da população. Em um segundo momento, abordamos como a escrita se torna o principal meio de distribuição de conhecimento. E por fim estudamos o nascimento das tipografias e do mercado de livros impressos.

O nascimento das tipografias somente foi possível devido a três fatores: primeiramente o aprimoramento de materiais que seriam necessários para a construções das prensas tipográficas, como o papel e blocos de metal com as letras gravadas. O segundo fator indispensável para as tipografias foram os investimentos, principalmente da Igreja, universidades e de membros da aristocracia. A última condição para as tipografias, e a mais importante, era um público interessado em adquirir as obras impressas pelas mesmas.

Trabalhamos também a trajetória de William Caxton, apresentando seu trabalho como comerciante, diplomata e por fim tipógrafo. Mostrando sua trajetória desde de seu suposto nascimento em Kent em 1422, passando por seu trabalho na Worshipful Company of Mercer a partir de 1438 e também seu trabalho na Merchant Adventures após em 1455 até seu trabalho como impressor de textos em Westminster 1477.

Juntamente a vida e trabalho de Caxton também estudamos a relação de Caxton com membros da aristocracia inglesa, em especial os partidários e aliados da dinastia York. Durante seu período em Bruges teve contato com Margaret York duquesa da

Burgúndia para quem dedicou o livro *Recuyell of histories of Troye*. Também se acredita que Caxton se encontrou com Eduardo IV durante seu exílio (1469 – 1471), juntamente a isso alguns livros publicados por Caxton possuíram financiamento por membros dessa dinastia ou por seus aliados. E algumas obras como o *Recuyell of Histories of Troye* e *The Chronicles of England*, possuem mensagem a membros dessa casa seja na forma de agradecimento ou como frase de apoio como no caso do *Chronicles of England*: ““(…) eu rezo Deus para que salve & proteja & lhe envie a congratulação do reconhecimento de sua legítima herança, além de contestação & que ele possa reinar em toda plenitude Deus todo poderoso (...)”<sup>251</sup>.

Juntamente a isso fizemos um panorama da Guerra das Rosas e as principais características desse conflito que percorreu a segunda metade do século XV. Estes conflitos na perspectiva da época não se caracterizavam em uma única guerra, como Michael Hicks explica é possível dividir a Guerra das Duas Rosas em três partes separadas.<sup>252</sup> A primeira entre 1459 e 1461, com as ações de Ricardo, Duque de York (1411 – 1460), contra a coroa e a chegada de Eduardo York (1442 – 1483) ao poder em 1461 quando seria coroado como Eduardo IV (1461 – 1469, 1471 - 1483). A segunda parte se passa entre 1469 a 1471 e consiste na traição de Richard Neville (1428 – 1471), conde de Warwick, conhecido como Warwick the Kingmaker e de George York (1449 – 1478), duque de Clarence que obrigou Eduardo IV a fugir da Inglaterra, culminando na volta temporária dos Lancasters ao poder até 1471. A última fase da guerra segundo Hicks se passa entre 1483 e 1525, começando em 1483 com a usurpação do trono por Ricardo York (1452 – 1485), que passaria a ser conhecido como Ricardo III (1483 – 1485), culminando na conquista do trono por Henrique Tudor (1457 – 1509) em 1485, com o nome de Henrique VII (1485 – 1509).

Durante o percorrer dessa época o conjunto de manuscritos *Brut* foi, recompilado, editado, traduzido e impresso por Caxton em 1480, recebendo o nome de *The Chronicles of England*, essa obra possui um caráter plural, sendo uma crônica

---

<sup>251</sup> ““(…) *I pray god saue & keep / & send hym the accomplisshement of the remanau-t of his rightful enheritau-ce beyo-de the see / & that he may regne in them to the plausie* In: CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 151. (Tradução Livre).

<sup>252</sup> HICKS, Michael. *The Wars of The Roses*. Yale, Yale University Press. 2010

histórica com o objetivo de apresentar a história do reino inglês propondo uma memória coletiva baseado nos reis míticos do passado e ao mesmo tempo propõem um modelo de conduta para os leitores.

Primeiramente focando da questão do modelo de conduta foi possível perceber através das atitudes representadas no texto diversas atitudes que deveriam ser seguidas pelos eventuais leitores da obra, possuindo como principal foco os membros da aristocracia que viessem a ler o livro.

No decorrer da obra uma gama de atitudes que um rei deveria possuir é apresentada para os leitores, como ser forte<sup>253</sup>, corajoso<sup>254</sup>, digno<sup>255</sup>, amado<sup>256</sup>, bom<sup>257</sup>, sábio<sup>258</sup>, justo<sup>259</sup>, governar bem<sup>260</sup> e ser um conquistador<sup>261</sup>. Entre os protagonistas desses adjetivos estão presentes membros conhecidos da história inglês como Uter e Arthur Pendragon. A apresentação dessas atitudes está intimamente ligada ao contexto político a Inglaterra presenciava, sendo esse a Guerra das Rosas. Esse modelo de atitudes fazia alusão direta aos monarcas que disputavam o trono inglês nesse período.

O livro *The Chronicles of England* propõem um modelo de conduta para seus leitores, buscando retomar as relações entre os nobres que estavam desgastadas após anos de guerra civil. A utilização das atitudes dos monarcas do passado, principalmente Arthur, apresenta um novo *ethos* para a aristocracia.

---

<sup>253</sup> CAXTON, William. *The Chronicles of England*. 2 ed. Westminster, 1480. p. 7

<sup>254</sup> *Ibidem*. p. 7.

<sup>255</sup> *Ibidem*. p. 7, 10, 12, 15, 16, 17.

<sup>256</sup> *Ibidem*. p. 7, 14.

<sup>257</sup> *Ibidem*. p. 7,12, 13, 15, 16, 17, 29.

<sup>258</sup> *Ibidem*. p. 9.

<sup>259</sup> *Ibidem*. p. 29.

<sup>260</sup> *Ibidem*. p. 9, 10, 15, 17, 18,

<sup>261</sup> *Ibidem*. p. 29.

Através do estudo da crônica foi possível identificar uma história da Inglaterra voltada para os membros da aristocracia, no decorrer dessa crônica é criada uma linhagem de reis e nobres que segue da fundação do reino até uma época próxima, narrando acontecimentos de reis míticos e acontecimentos vividos pelos leitores e/ou seus familiares os inserindo nessa história do reino.

Ao se pensar no monarca Henrique VI, é possível se identificar uma crítica ao governo do monarca. Henrique VI foi conhecido como um dos principais personagens da Guerra das Rosas e seu governo foi marcado pela derrota da Guerra dos Cem Anos e por uma profunda crise econômica proveniente de sua habilidade de governar e pela perda dos territórios continentais. Juntamente as características do governo de Henrique VI, o mesmo também ficou conhecido pelas suas crises que o afastava do trono por longos períodos.

Analisando essas características de Henrique VI juntamente com o conjunto de atributos apresentados no *The Chronicles of England*, é possível perceber uma severa crítica ao governo e ao monarca. Reis míticos como Arthur são apresentados como figuras militarmente competentes, fortes e carismáticas. Características que Henrique VI supostamente não possuía.

Em contrapartida Eduardo IV é apresentado como possuindo características similares a Arthur.” “Invicto em batalha, ele possuía uma considerável reputação como líder militar, e sua corte era renomada pela Europa por sua riqueza e glamour.”<sup>262</sup>. Caxton apresenta Eduardo IV como o um monarca mais próximo de um rei ideal para satisfazer as necessidades do reino.

Do decorrer dessa dissertação procurei mostrar os usos prováveis do livro *The Chronicles of England*, através do seu conteúdo, do mercado em que estava inserido e das relações de seu autor. Buscando apresentar como uma memória mítica foi utilizada para propor uma memória coletiva e um novo *ethos* para sociedade, em geral, e para a aristocracia em particular.

---

<sup>262</sup> HUGHES, Jonathan. *Arthurian Myths and Alchemy. The Kingship of Edward IV*. Sutton Publishing, 2002. p. 1. (Tradução Livre).

## Bibliografia

ALLAN, Alisson Rosemary. *Political Propaganda Employed by The House of York In England In the Mid-Fifteenth Century, 1450-1471*. 1981

ALLMAND, Christopher. (org). *The New Cambridge Medieval History*. Volume VII c. 1415 c. 1500. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

ARCHIBALD, Elizabeth e PUTTER, Ad. *The Cambridge Companion to the Arthurian Legend*. Nova York: Cambridge University Press, 2009.

BENNETT. H. S. Caxton and His Public. *The Review of English Studies* Vol. 19, No. 74 (Apr. 1943), pp. 113-119. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/509020>. Acessado em: 04 de junho de 2011.

BLADES William. *The Life and Typography of William Caxton*. East & Blades. 1861

BLAKE, Norma Francis. *William Caxton and English Literary Culture*. Bookcraft Ltd, 1991.

BORSCH, Stuart J. *The Black Death in Egypt and England: a comparative study*. University of Texas Press. Austin. 2005

BRADBURY, Nancy M. *Writing Aloud: Storytelling in Late Medieval England*. University of Illinois, 1998.

BRAMLEY, Peter. *A Companion & Guide to the Wars of the Roses*. The History Press.

BIGGS, Douglas, SHARON D. Michalove and A. Compton Reeves (eds.). *Reputation and Representation in Fifteenth-Century Europe*. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands, 2004.

BRIGGS, Charles F. *Historiographical essay: Literacy, reading, and writing in the medieval West*. *Journal of Medieval History*, Vol. 26, No. 4. 2000, pp. 397–420

BROTTON, Jerry. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. 2006

BROWN, Peter. *A Companion to Medieval English Literature and Culture c.1350–c.1500*. Blackwell Publishing Ltd. 2007

BYRNE, Joseph Patrick. *The Black Death*. Greenwood Press, 2004.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade: do indivíduo às retóricas holistas*. in *Memória e Identidade*. SP: Contexto, 2014.

CARPENTER, Kenneth E. *Books and Society in History: Preconference Papers*. R Bowker, 1083

CARPENTER, Christine. *The Wars of the Roses: Politics and Constitution in England, C. 1437 – 1509*

CARRUTHERS, Mary. *The Book of Memory: A Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge University Press. 2008.



CAXTON, William. *The Chronicles of England*. Westminster. 1480.

CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. 4ed. Estação Liberdade. São Paulo. 2009.

COLEMAN, Joyce. *Public Reading and the Reading Public in Late Medieval England and France*. Cambridge University Press, 2005.

CORRÊA, Wesley. *Poyntes, Mischeves And Causes: Percepções Da Crise Política Na Inglaterra Entre A Revolta De Jack Cade E A Guerra Das Rosas C. 1449-1475*.

EISENTEIN, Elizabeth. *The Printing Press as an Agent of Change, Volume 1*. Cambridge University Press. 1997.

FEATHER, John. *A history of British publishing*. Londres: Routledg, 2005.

FEBVRE, Lucien. MARTIN, Henri-Jean. *The Coming of the Book: The Impact of Printing 1450 – 1800*. Verso. 1997.

FLETCHER, Christopher. *Richard II: manhood, youth, and politics, 1377 – 99*. Oxford University Press. 2008

FLÜGEL, Ewald. *Caxton's Old English Words*. *Modern Philology*. Vol. 1, No. 2 (Oct. 1903), p. 343 Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/432407>. Acessado em: 04 de junho de 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar editores, 1978

GRIFFITHS, Ralph A. *The Reign of King Henry VI: The exercise of royal authority, 1422-1461*. University of California Press. 1981

GRUMMITT, David. *A Short History of the Wars of the Roses*

GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os Estados*. São Paulo: Pioneira, 1981.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Cia da Letras, 1989.

HICKS, Michael. *English Political Culture in The Fifteenth Century*. Londres: Routledge, 2002.

HICKS, Michael. *Essential Histories: The Wars of the Roses 1455 – 1487*. Osprey Publishing Ltd., 2003.

HICKS, Michael. *Richard III and his rivals: magnates and their motives in the Wars of the Roses*. The Hambleton Press, 1991

HICKS, Michael. *The War of the Roses: 1455 – 1587*. Osprey Publishing. 2003

HICKS, Michael. *The Wars of The Roses*. Yale, Yale University Press. 2010

HICKS, Michael. *Warwick the Kingmaker*. Blackwell Publishing Ltd, 1998.

HIGDEN, Ranulf. *Polychronicon*. Westminster. 1482

HILTON, Rodney. *Bond Men Made Free: Medieval Peasant Movements and the English Rising of 1381*. Routledge. 2003.

HORROX, Rosemary and ORMROD Mark W. *A SOCIAL HISTORY OF ENGLAND, 1200–1500* Cambridge University Press. 2006.

HORROX, Rosemary. *England: Kingship and the Political Community, 1377-c.1500*. In: RIGBY, S. H. *A Companion to Britain in the Later Middle Ages*. Blackwell Publishing Company, 2003.

HUGHES, Jonathan. *Arthurian Myths and Alchemy. The Kingship of Edward IV*. Sutton Publishing, 2002

JORDAN, William C. *The Great Famine: Northern Europe In the Early Fourteenth Century*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

KAPLAN, Steven L. *Understanding Popular Culture: Europe from Middle Ages to Nineteenth Century*. De Gruyter Mouton.

KEEN, Maurice. *England in the later Middle Ages: a political history*. Londres: Routledge, 2003.

KEKEWICH, Margaret. *Edward IV, William Caxton, and Literary Patronage in Yorkist England*. *The Modern Language Review*. Vol. 66, No. 3 (jul., 1971), pp 481 - 487 Disponível em:

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3723166?uid=3737664&uid=2134&uid=375146053&uid=2&uid=70&uid=3&uid=375146043&uid=60&sid=21101678880311>  
acessado em: 20 de setembro de 2012.

LE GOOF, Jaques, SCHMITT Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Edusc. 2006.

LEFÈVRE, Raoul. *Recuyell of The Historyes Of Troye*. 1473

MCFARLANE, K. B. *England in the fifteenth Century: Collected Essays*. Londres: Hambledon Press, 1981

MARTIN, Henri Jean. *The History and Power of Writing*. University of Chicago Press, Chicago, 1994.

MARVIN, Julia. *The Oldest Anglo-Norman Prose Brut Chronicle*. Boydell & Brewer Ltd, 2006.

MATHESON, Lister M. *The prose Brut: the development of a Middle English chronicle*. Tempe, Arizona: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 1998.

MATHESON, Lister M. *Printer and Scribe: Caxton, the Polychronicon, and the Brut*. *Speculum*. Vol. 60, No. 3 (Jul. 1985), pp. 593-614. Disponível em:  
<http://www.jstor.org/pss/2848177> Acessado em: 04 Junho 2011.

MOORE, Samuel. *Caxton Reproductions: A Bibliography*. *Modern Language Notes* Vol. 25, No. 6 (Jun., 1910), pp. 165-167. Disponível em : <http://www.jstor.org/pss/2916913>. Acessado em: 04 junho 2011.

NEMI, Ana; Néri Barros de; Pinheiro, Baptista Rossana Alves. (Org.). *A construção da narrativa histórica Séculos XIX e XX*. 1ed.CAMPINAS: UNICAMP/FAPUNIFESP, 2014, v., p. 123-141

ONG, Walter J. *Orality and Literacy*. Routledge. 2005.

PEARTREE. S. Montagu; *A Portrait of William*; *The Burlington Magazine for Connoisseurs*. Vol. 7, No. 29 (Aug, 1905), pp. 383-385+387. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/856424>; Acessado em: 04 junho 2011.

POLLACK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992.

RIDDLE, John M. *A History of Middle Ages, 300 -1500*. Rowman & Littlefield Publishers Inc. Maryland, 2008.

RIGBY. S. H. *A Companion to Britain In the Later Middle Ages*. Blackwell Publishing Company, 2003.

RUTTLE, Russell. *William Caxton and Literary Patronage*. *Studies in Philology*. Vol. 84, No. 4 (Autumn, 1897). pp. 440-470; Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/4174282?uid=3737664&uid=2134&uid=3751>

46053&uid=2&uid=70&uid=3&uid=375146043&uid=60&sid=21101678880311.

Acessado em: 20 Setembro 2012.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Cia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007

STREITBERG Bernd; Lancaster Interactions Revisited; *The Annals of Statistics* Vol. 18, No. 4 (Dec., 1990), pp. 1878-1888; Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2241894>. Acessado em: 04 junho 2011.

TRAPP, J.B. e HELLINGA, Lotte. The Cambridge. *History of The Book in Britain: Volume III (1400-1557)*. Cambridge: University Press, 1999.

WAGNER. John A. *Encyclopedia of the Wars of the Roses*. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2001.

WAKELIN, Daniel. *Humanism, Reading, and English Literature 1430–1530*. New York: Oxford University Press, 2007.

WATTS, John. *The Making of Politics Europe, 1300–1500*. New York: Cambridge University Press, 2009.

WEBSTER, Bruce. *The Wars of the Roses*. Londres: Routledge, 2005.

WINDEATT, Barry. *The fifteenth-century Arthur*. In: ARCHIBALD, Elizabeth e PUTTER, Ad. (Orgs). *The Cambridge Companion to the Arthurian Legend*. Nova York: Cambridge University Press, 2009

WOLFFE, Bertram. *Henry VI*, Yale, Yale University Press.